

Diário de Lisboa

Número avulso: 40 CENTAVOS

Editor — JOÃO CHRYSOSTOMO DE SA
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º

Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR

JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA

Redacção, composição e impressão

RUA LUZ SORIANO, 44

TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSAO DE CENSURA

A GUERRA CIVIL EM ESPANHA

Gijon capitulou esta madrugada

Os seus defensores abandonaram a cidade durante a noite

Espera-se a todo o momento a entrada das tropas nacionalistas

CRONICA MILITAR

Combata-se ontem nas ruas de Gijon, onde parte da guarnição e muitos elementos da população civil se revoltaram contra os opressores vermelhos, tal qual sucedeu em Santander á aproximação dos libertadores nacionalistas.

Faís notícias estão confirmadas quer por declarações de prisioneiros e apresentados voluntários quer pelos onze pilotos marxistas que, a bordo dos seus aviões, fugiram de Gijon para França, onde aterraram no aerodromo de Biarritz.

Um general russo e três oficiais do seu estado maior fugiram também de Gijon no avião da carreira Air-Pyrenées.

E' curioso registar que esta gente, que poderia ir aterrar na Catalunha, prefere refugiar-se em França para não voltar a combater...

Os pobres milicianos irresponsáveis sacrificam-se nas trincheiras. Os chefes comunistas fogem a bom fugir e conseguem pôr-se a salvo. Meditem nisto os eternos iludidos e decidam se vale a pena entregar a alma, a liberdade, a vida própria e o futuro das famílias nas mãos de tão tristes dirigentes.

As autoridades francesas apreenderam, porque não tiveram outro remedio, boa quantidade de milhões de pesetas que os fugitivos transportavam. São assim os «idealistas» discípulos de Moscovo.

Por outro lado, a aviação nacionalista que bombardeou o porto de Musel, oito quilómetros a oeste de Gijon, verificou que estavam a ser carregados ali varios vapores prontos a conduzir mais fugitivos e o produto dos seus roubos. Esta manhã todos se haviam feito ao mar com os ultimos chefes marxistas de Gijon.

As tropas gloriosas de Tella, depois de atravessarem a ria de Villa-Viciosa e de conquistarem dezenas e dezenas de povoações, aproximaram-se a marchas forçadas de Gijon, em brilhantissima e oportuna exploração do sucesso. Dia e noite, sem darem ao inimigo um instante de repouso, impedem-lhe a reconstituição das linhas defensivas e perseguem-no até quasi ás portas da cidade, onde, conforme acima se viu, os oprimidos se revoltaram.

Segundo informações fidedignas, esta revolta foi bem sucedida e os ultimos escavos moscovitas da capital da zona vermelha das Asturias, dos poucos que não haviam fugido durante a noite, acabam de ser reduzidos á impotencia.

Os vencedores comunicaram a sua adesão ao coronel Tella, e as vanguardas nacionalistas, se não entraram já devem entrar triunfalmente na cidade á hora a que esta cronica fôr lida. A derrocada marxista precipitou-se. Entramos no periodo em que cessam as operações estratégicas para cederem o lugar a simples «limpezas» de policia militar.

Com a queda de Gijon as comunicações do sector oriental vão estabelecer comunicação com as de Oviedo, fecharão a bolsa sul das Asturias e aprisionarão os bandos dispersos em que se transformaram os ultimos residuos do exercito vermelho.

A pressão nacionalista, que se exercia nas três regiões que ontem indicavamos: Villa-Viciosa sobre Gijon; Infesto sobre Pola de Siero e Rio Seco sobre Pola de Labiana, foi ontem acompanhada de novos ataques numa quarta região, sobre os arredores de Pajares, Cármenes e Piedra-fita, exactamente a meio do sector sul.

Os vermelhos retiraram, depois de incendiarem as povoações que ocupavam. Tarde de mais, tentam evacuar a bolsa sul—mas já não chegam ao mar a tempo de fugirem.

BILBAU, 21. — O posto radio S. U. comunicou ás 11 horas que os «vermelhos», abandonaram Gijon durante a noite, fugindo em barcos que estacionavam no porto.

O policiamento da cidade passou a ser feito por guardas civis e membros da Falange Espanhola, os quais içaram a bandeira nacionalista em varios edificios publicos.

Espera-se agora, de um momento para o outro, a chegada das primeiras tropas de Franco. — (D. N. B.).

FRENTE DAS ASTURIAS, 21. — A cidade de Gijon capitulou ás 12 horas. — (Havas).

FRENTE DE GIJON, 21. — A entrada dos nacionalistas em Gijon está prevista para amanhã de manhã. E' possível, todavia, que as patrulhas entrem ainda esta noite na cidade. — (Havas).

A população de Gijon apressou a fuga dos vermelhos

ST. JEAN DE LUZ, 21. — Radio-Gijon, que ontem ainda estava ao serviço dos comunistas das Asturias, comunicou hoje ás 13 e 45 que a população se sublevoou contra a dominação vermelha e tornou-se senhora da cidade. As casas embandeiraram com as cores nacionalistas. — (D. N. B.).

O efeito moral da vitoria

SALAMANCA, 21. — Ao ser conhecida a noticia da rendição de Gijon, grupos de soldados que combatiam nas fileiras vermelhas, nas proximidades de Oviedo, começaram a vitoriar a Espanha. Em seguida dirigiram-se para Oviedo onde entregaram as armas. — (Havas).

Gijon é uma cidade de cerca de oitenta mil habitantes, porto natural da provincia das Asturias, considerando-se o principal centro de exportação da hulha das minas asturianas. O porto fica situado entre duas baías protegidas pelos cabos de S. Lourenço e Torres, e separadas por uma elevação rochosa, a colina de Santa Catarina, que é completamente cercada pelas aguas do Cantabrico.

A cidade tem-se desenvolvido extraordinariamente, durante os ultimos anos, sobretudo na direcção noroeste até ao grande ponto transatlantico de Musel.

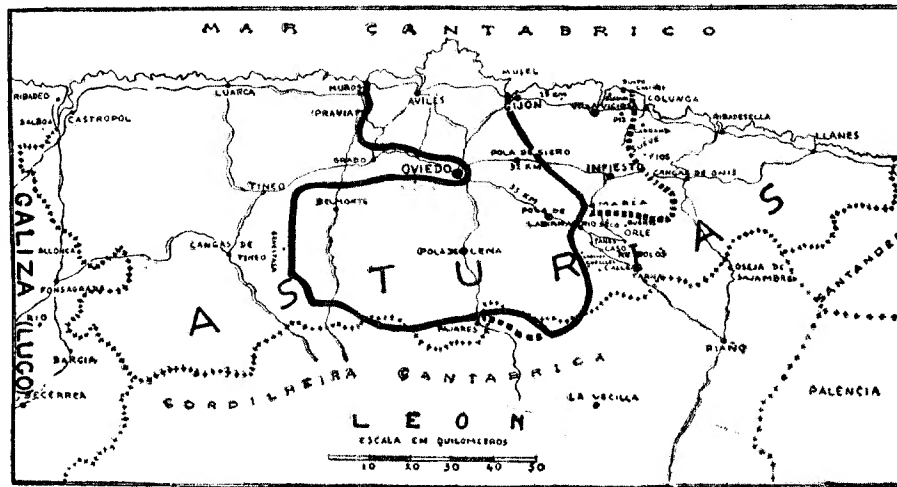
O porto de Gijon é considerado, pelo seu movimento comercial, o terceiro porto de Espanha, depois de Barcelona e de Valencia.

A carga embarcada e desembarcada em Gijon tem atingido, em alguns anos, a importantissima cifra de dez milhões de toneladas, transportadas em cerca de seis mil navios.

Dia de gloria para o exercito nacionalista das Asturias, que vê coroado de exito os seus esforços tenazes, heroicos e gigantescos no mais difficil terreno da Espanha.

Dia de satisfação para nós, por todos os motivos, inclusive por não nos termos enganado ao prever a derrocada até ao fim do mês.

JORGE BOTELHO MONIZ



A frente das Asturias depois da queda de Gijon e dos avanços efectuados ontem no sector de Pajares

Pequeno incidente entre um cruzador inglês e outro nacionalista

LONDRES, 21. — O almirante anuncia que o vapor inglês «Stangrove» foi aprisionado ontem por uma traineira nacionalista ao largo de Gijon, mercê dum nevoeiro denso. Chegando pouco depois o cruzador inglês «Southampton», o comandante deste navio pediu que aquele vapor fosse libertado, pois fôra aprisionado fora das aguas territoriais. Satisfeito este pedido, o «Stangrove» prosseguiu na sua rota para Bordeus.

Os meios oficiais esclarecem que o «Stangrove» desfraldava o pavilhão britânico e que transportava cerca de 600 refugiados de Gijon, a maior parte dos quais mulheres e crianças. Foi com o cruzador nacionalista «Cervantes» que o cruzador «Southampton» entrou em comunicações pedindo que aquele vapor fosse libertado. O comandante do «Cervantes» satisfez o pedido, protestando todavia contra a reclamação britânica. — (Havas).

Na frente de Aragão

SARAGOÇA, 21. — A actividade desaparece em todos os sectores da frente de Aragão, excepto a leste da Saragoça, na margem direita do Ebro, onde o inimigo se obstina em atacar o mesmo ponto com grande quantidade de material. A artilharia bombardeia todo o dia as posições nacionalistas com peças que vão de 75 a 260, em 15 quilómetros de trincheiras desde o Ebro até ao Monte Sillero. No entanto, os efectivos republicanos dão sinais de fraqueza e as rendições multiplicam-se. Os republicanos não obtêm nenhuma vantagem territorial. — (Havas).

Declarações do heroiico general Moscardó

SARAGOÇA, 21. — O exercito inimigo está ferido de morte—declarou ao representante da Havas o general Moscardó. O heroi de Toledo, que sucedeu no mês passado ao general Pinto y Manio, assumiu o comando do exercito nacionalista que contem vitoriosamente os ataques dos republicanos. Vivo, energico, o general é desconhecido por aqueles que o viram magro e de barba intonsa por ocasião da libertação do Alcazar.

«Os ataques dos republicanos enfraquecem dia a dia—disse. Ha alguma coisa quebrada na nossa frente. O inimigo certamente dispõe ainda de material notavel. E' dirigido por um comando que não quero depreciar, mas a tropa cede terreno. Os soldados estão feridos no moral. Sinto-me orgulhoso de comandar soldados que na sua ardua missão—a defesa é sempre ingrata—maravilham pela coragem e pela fé. A queda de Gijon está iminente para agravar este estado de coisas. Lembro-lhe que na primeira fase a ofensiva republicana foi desencadeada na véspera da queda de Santander. Desta vez ainda o inimigo tentará um novo esforço desesperado, que mais não seja senão para atenuar o triunfo do exercito nacionalista do Norte? E' pos-

(Ve: continuação na 8.ª pagina)

O "DIARIO DE LISBOA" DE HOJE É DE 16 PAGINAS INCLUINDO O SUPLEMENTO LITERARIO

Mundanismo A paralização das carreiras DESPORTES O dia religioso

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as senhoras:

D. Maria Tereza da Costa Sequeira, D. Maria Machado Pereira de Anciães Proença, D. Certa de Sousa e Vasconcelos de Carvalho, D. Maria José de Serpa Pimentel, D. Maria Ana de Castelo Branco, D. Maria da Paz de Bourbon e Tavora, D. Marieta Machado Pereira de Anciães Proença, D. Maria Sofia de Barros Carvalhosa (Santarem), D. Maria Helena Coutinho Garcia da Maia, e a menina Francisca de Sousa e Faro Nobre de Carvalho.

BAPTISADOS

Presidido pelo reverendo conego Francisco Alexandrino Duarte Miranda, amigo íntimo da família, celebrou-se ontem na paróquia de S. Sebastião da Pedreira, o baptismo da menina Maria Filomena, primeiro filho da sr.ª D. Maria Helena Patrício Lino Neto e do sr. dr. Joaquim Maria de Mendonça Lino Neto, distinto conservador do Registo Predial, em Ponte do Sôr, servindo de madrinha sua avó paterna sr.ª D. Maria Matilde de Mendonça Lino Neto e de padrinho seu avô materno sr. dr. Anselmo Patrício.

FESTA DO FADO

Hoje noite da moda no «Retiro da Severa» é o mesmo que dizer que a nossa sociedade elegante dará ali ponto de reunião.

Sabado proximo grandiosa festa, para apresentação do rancho regional «Os Matrocos» de Cantanhede, composto de 48 figuras, que se exhibirão em varios numeros de dança e canto do seu vasto repertorio. Marcam-se desde já mesas para essa noite.

EM VIAGEM

Com suas filhas, regressou de Cascais a sr.ª D. Maria Amelia de Macedo de Sande e Castro. —De Cascais, regressou o illustre juriconsultante sr. dr. Domingos Pinto Coelho. —Acompanhado de sua esposa, a sr.ª D. Maria Teresa Vecchi Pinto Coelho, e seus filhos, regressou de Cascais o distinto advogado sr. dr. Carlos Viana Pinto Coelho. —A sua casa em Lisboa, regressou com sua esposa, a sr.ª D. Maria Juvenalia Ferraz Bravo Ludovice e seus filhos, o sr. Leopoldo Humberto Frederico Drumond Ludovice. —Com sua família, regressou a capital o sr. Hermano Braancamp de Melo Ereyner (Sobral).

Partiu hoje para Londres, donde seguirá para a Belgica e Holanda, o sr. Moraes Rocha, funcionario da Inspeção Geral dos Espectaculos.

Regressou da Alemanha a sr.ª condessa du Moulin-Eckard, esposa do sr. conde du Moulin-Eckard, conselheiro da legação daquelle país em Lisboa.

DR.ª LAURINDA ALAMBRE
Consultorio:—R. Garrett, 74, 1.º—3 h. às 7 1/2—T. 2 0524.
Residencia:—Av. Defensores de Chaves, 163, 2.º—T. 4.9776.

Maggioli
chapeus modelos
e alta costura
Telef. 29573 — Rua do Mundo, 66.1

OLIMPIA CLUB
Um grande triunfo
Uma grande artista
ELOISA ALBENIZ
A melhor "estrela" de baile espanhol que tem vindo a Portugal
NATI BENITO
Gentil cancionista e bailarina
CARMEN CRUZ
Bailarina castiça sevilhana

AERO-PORTUGUESA
33, R. do Alecrim, 2.º — Telef. 2 3371
HORARIO DE INVERNO
(a partir de 3 de Outubro)
Partidas aos domingos, às 8 e 15
PORTUGAL-AMERICA DO SUL em 48 horas
Entrega das correspondencias para: MARROCOS, AFRICA OCIDENTAL FRANCESA, GUINE PORTUGUESA E FRANCESA; LIBERIA, COSTA DO MARFIM E DO OURO E AMERICA DO SUL na CENTRAL DOS CORREIOS (Rua do Arsenal).
até às 6 horas da manhã de DOMINGO
PASSAGEIROS para Marrocos, Africa Ocidental Francesa, Europa, etc
MERCADORIAS para Marrocos e Africa Ocidental Francesa.
Informações. Wagons-lits // Cook — Agencia Havas — Turismo de Portugal

da Empresa de Camionetes Piedense

Da Empresa de Camionetes Piedense, Limitada, recebemos, com o pedido de publicação, a seguinte carta:

CARAMUJO, 10 de outubro de 1937.—
Senhor director do *Diário de Lisboa*.
—Atribuímos ás considerações formuladas pelo *Diário de Lisboa* a rapida solução do incidente que paralizou o transporte de passageiros em todo o concelho de Almada durante dois dias, por ordem superior e em virtude de não termos tido possibilidade de regularizar o horario de trabalho do pessoal desta Empresa, não obstante as diligencias empregadas ha mais de dois meses.

Igualmente por ordem superior foram restabelecidas carreiras, não obstante ainda não termos conseguido regularizar aquella formalidade de horario de trabalho nem em Setubal, nem em Lisboa.

Não podia esta Empresa suspender as suas carreiras sob pena de perder a caução prestada de dez mil escudos.

Tambem não seria justo que fosse multada por falta de aprovação de horario de trabalho, porque as repartições publicas respectivas sabem das diligencias da gerencia empregadas com toda a boa fé, nesse sentido; cremos mesmo que em tal multa se não pensou mesmo porque, pelo menos, as empresas de transportes colectivos do distrito de Setubal estão todas na mesma situação.

Agradecemos a intervenção do *Diário de Lisboa*, que v. tão superlamente dirige, e permita v. que esperemos da sua nunca desmentida lealdade a publicação desta carta, para esclarecer qualquer equívoco prejudicial ao credito desta Empresa provocado pelas noticias publicadas e em cuja eficacia continuamos a acreditar.

Com a maxima consideração e agradecimento, somos

De v., etc.—Pela Empresa de Camionetes Piedense, Limitada, o gerente, **Antonio Febrero Antunes**.

SUFRAGIOS

Dr. Antonio Fontes

Passando amanhã o trigésimo dia do falecimento do distinto clinico sr. dr. Antonio Fontes, mandam sua viúva a sr.ª D. Angela de Castro rezar na proquial das Mercês, pelas 11 horas, uma missa sufragando sua alma.

FUNERAIS a pronto e a prestações
Preços e serviços com os quais ninguém compete
"SRAF" R. das Pedras Negras, 5-1.º
Tel. 2 7288

Garganta, nariz e ouvidos
Dr. Domingos Andrade
Formado pela Fac. de Med. de Lisboa (titelomou a clinica) — Rua Augusta, 228

Romagem ao túmulo de Pepe

A direcção do Club de Football «Os Belenenses» convida os seus associados a comparecerem no proximo domingo, pelas 9 e 30, no largo fronteiro ao portão principal do cemiterio da Ajuda, a fim de se incorporarem na romagem que se realiza ao túmulo de José Manuel Soares (Pepe), em virtude do 6.º aniversario da sua morte.

Esta iniciativa do Belenenses prova que o Club não esquece aqueles que, como o saudoso e infeliz Pepe, o servirão dedicadamente, com todo o entusiasmo. Cremos, porém, que a homenagem se devia alargar, e que no proximo domingo se devia juntar na Ajuda toda a população desportiva da capital, fosse qual fosse a sua cor clubista. Pepe era do Belenenses, é certo; mas era tambem uma grande figura do «football» português. Relembrar essa figura parece-nos um dever de todo aquele que se diz ou se sente desportista.

CICLISMO

Uma prova em Vila Franca

Realiza-se no proximo domingo, em Vila Franca de Xira, a prova ciclista «Quatro Voltas» — V. Franca, Carregado, Arruda e V. Franca — num percurso de 120 quilómetros.

Nesta prova disputar-se-ão valiosos premios, de entre os quais se destacam as taças das Camaras Municipais de Vila Franca de Xira, Arruda dos Vinhos e «Stadium».

A competição destina-se a corredores independentes. Já se encontram inscritas as «équipes» do Sporting, Benfica, Campo de Ourique, Rio de Janeiro e C. U. F.

Campeonatos Nacionais de Velocidade

A direcção da União Velocipédica Portuguesa resolveu, na sua ultima reunião, promover a disputa dos campeonatos nacionais de velocidade (amadores e independentes), no proximo dia 31, á hora e em local a designar oportunamente.

Campolide Atletico Clube

A direcção do Campolide Atletico Club resolveu organizar, no dia 7 de Novembro, uma interessante festa desportiva e de recreio, de propaganda do «basketball» e de homenagem aos novos praticantes da modalidade.

O programa está sendo cuidadosamente elaborado pela Direcção e Conselho Technico. Está já assente a apresentação, no campo de jogos, de classes de gymnastica, de duas «équipes» em demonstração de «volley-ball», e de um torneio relampago de «basket-ball».

Festa no Casa Pia

A comissão de festas do Casa Pia leva a efeito, depois de amanhã, pelas 21 e 30, uma festa dedicada á secção de natação com o programa que segue: I—hino da Casa Pia de Lisboa; II—palestra sobre a natação no Casa Pia pelo sr. Cruz Filipe; III—distribuição das taças: Casa Pia A. C., José de Carvalho e Joaquim Marques aos Clubes Sport Algés e Dafundo, Club Nacional de Natação e Clube Football «Os Belenenses»; IV—homenagem aos nadadores do Casa Pia e V—homenagem ao dedicadissimo casapiano sr. Joaquim Marques.

O FIM DO ANO NA MADEIRA

Sabemos que, continuando uma velha tradição, as festas do fim do presente ano na ilha da Madeira prometem revestir-se dum extraordinario brilho, para o que se conjugam os elementos interessados, como sejam os organismos turisticos e comerciais.

Como de costume, a Empresa Insulana organiza uma excursão nessa epoca, pois não faria sentido que, quando tantos navios estrangeiros fundeiam no porto do Funchal para assistir ás festas do fim do ano, o continente não se achasse representado.

ESTE ANUNCIO E MAIS 5 ESCUDOS

Valem um bom retrato com o formato
18 X 24 na FOTOGRAFIA ACHILLES
AVENIDA ALMIRANTE REIS N.º 1, 1.º ANDAR — (Ao Intendente) — TELEF. 4 7063

Se outro ensino não satisfizes V. Ex.ª
matricule seus filhos no

INSTITUTO LUSITANO DE COMERCIO
RUA DA PALMA, 164 — (Junto ao Teatro Apolo)
LISBOA Telefone 2 8034

CURSOS PRATICOS DE GUARDA-LIVROS, DACTILOGRAFOS E CORRESPONDENTES
Metodo intuitivo, sem esforço mental dos alunos
COMERCIO — LINGUAS — TAQUIGRAFIA
Direcção do Prof. CARMO PERES

AMANHÃ, 22.—Santa Maria Salomé, viúva. Lausperene, está na igreja paroquial de Carnaxide; ás 9, missa; ás 17, terço de benditos.
Exposição da imagem do Senhor dos Passos nas igrejas: Graça, S. Tiago, Madalena, Conceição Velha, Conceição Nova, S. Paulo, S. Nicolau, S. Domingos, Socorro, Desterro, Penha de França, Carmo, Santos-o-Velho, Jeronimos, Dolores, em Belem, Lapa, Navegantes e S. Sebastião.

BOLSA DE LISBOA

21 de outubro
CONTADO

VALORES	Efectuado	Compra	Venda
Fundos do Estado			
Consolidado 3 3/4 1936 s/j	960\$00	958\$00	962\$00
4 0/0 1934	989\$00	988\$00	990\$00
Emprestimo 4 1/2 0/0 1912	2.205\$00	2.205\$00	—
Consolidado 4 1/2 0/0 1933	1.029\$00	1.029\$00	1.031\$00
4 3/4 1934	1.158\$00	1.157\$00	1.160\$00
5 1/2 0/0 1933	1.081\$00	1.082\$00	—
Externo 3 0/0 1.ª Série	—	—	1.735\$00
3 0/0 2.ª	1.892\$00	1.892\$00	1.895\$00
3 0/0 3.ª	1.735\$00	1.734\$00	1.737\$00
Cautelas s/juro 3.ª Série	—	160\$00	162\$00
Accções			
BANCOS			
Comerc. de Lisboa, port.	—	505\$00	—
Espirito Santo port.	—	765\$00	768\$00
Lisboa & Açores, port.	370\$00	370\$00	372\$00
Portugal, port. (for.)	—	—	1.125\$00
C.ª DE SEGUROS			
Bonança	—	—	—
Fidelidade	—	—	—
Mundial	—	245\$00	250\$00
Nacional	—	—	—
Sagres	—	—	—
Lagos	—	—	—
C.ª DIVERSAS			
C. P. ordinaria	—	—	—
privilegiadas	—	14\$10	15\$00
Agua de Lisboa, port.	—	265\$00	280\$00
ass. 1934	—	147\$00	149\$00
ass. 1936	—	—	150\$00
Credito Predial	17\$00	16\$00	17\$00
Gaz e Electricidade	313\$50	313\$50	313\$50
Portugal e Colonias	82\$80	82\$80	82\$80
Navegação	101\$00	101\$00	101\$00
Portuguesa de Pesca	269\$50	267\$00	270\$00
de Tabacos	403\$00	405\$00	407\$00
Tabacos de Portugal	375\$00	374\$00	379\$00
Tabaqueira	—	—	—
Uniao Electrica Portug.	—	170\$00	176\$00
COLONIA			
Açúcar de Angola	—	380\$00	385\$00
Busi—1.ª Emissão	—	47\$00	48\$50
—2.ª	—	45\$00	48\$00
Unha do Principe	430\$00	430\$00	431\$00
Obrigações			
C. P. G. 0/0	—	232\$00	244\$00
Prediais 6 0/0—1932 1.ª S	—	—	90\$00
7 0/0	102\$00	102\$00	102\$50
União Elect. Port. 6 1/2 0/0	—	—	—
5 0/0	—	104\$00	—
Busi 9 0/0	113\$00	112\$50	113\$00
6 1/2 0/0	117\$00	116\$50	117\$50

HENRIQUE DE BARROS GOMES

Corretor oficial da Bolsa de Lisboa

TELEF. 2 5482 RUA S. JULIAO, 69

CÂMBIOS

CHEQUE SOBRE	Compra	Vendas
Londres	110\$00	110\$20
Paris	\$75.1	\$75.3
Madrid	1839.2	1839.4
New-York	22820.3	22824.3
Zurich	5811.8	5812.7
Roma	1816.8	1817.0
Bruxelas	387.7	387.4
Amsterdã	12827.5	12829.8
Berlim	8891.7	8893.3
Praga	\$77.6	\$77.8
Rio de Janeiro	1826.0	1826.2
Libra ouro	—	—

DE LUTO

Dr. Guilherme de Moraes

PONTA DELGADA, 17.—Realizou-se hoje nesta cidade o funeral do distinto jornalista sr. dr. Guilherme de Moraes, director do «Correio dos Açores». O acompanhamento fúnebre do ilustre extinto, que ali gozava de grande prestígio, foi uma sentida manifestação de pesar.

O sr. dr. Guilherme de Moraes, que tinha 35 anos, frequentou a Faculdade de Direito de Lisboa e formou-se, com distinção, em 1923. Colaborou brilhantemente na imprensa açoreana e em varios jornais do continente, revelando-se um jornalista culto e possuidor de estilo pessoal. Depois da sua colaboração no «Diário dos Açores», tinha assumido ultimamente, com o sr. João de Simas, a direcção e propriedade do «Correio dos Açores», em substituição do dr. Bruno Carreiro.

Exercia a advocacia e professorado no liceu de Ponta Delgada, onde era muito estimado pelas suas qualidades de caracior e de intelligencia.

O SALVAMENTO DA TRINEIRA
«Nossa Senhora dos Navegantes»

Foi ontem salva a trineira «Nossa Senhora dos Navegantes», encalhada em Cascais no dia 18 do mês passado, e que já se considerava perdida.

Os trabalhos do salvamento foram dirigidos pelo sr. José Vieira, de Setúbal, que para isso requisitou a cabrea «Antonio Augusto de Aguiar», e o rebocador «Cabo Espichel», levando a bordo o sr. comandante Luiz Spencer, chefe marítimo da Administração Geral do Porto de Lisboa.

O RANCHO REGIONAL
«OS MATROCOS»
de Cantanhede
NO ESTORIL

No proximo domingo, 24, exhibe-se no Casino Estoril, pelas 17 horas, o Rancho Regional «Os Matrocos», de Cantanhede, apreadissimo grupo dos mais antigos do pais.

Com a sua indumentaria propria, copia fiel da epoca de 1810-1850, apresentará as suas características danças e cantares regionais, que tanto entusiasmo têm causado, sempre que se tem exhibido.

I CONGRESSO MEDICO NACIONAL
dos desastres do trabalho

Sob a presidencia do dr. Arruda Furtado, reune-se hoje, pelas 21 horas, na sede do Grémio dos Seguradores, rua Augusta, 118, 2.º, esquerdo, a Comissão Central do I Congresso Medico Nacional dos Desastres do Trabalho. Aguarda-se esta reunião com grande expectativa, atendendo à urgencia dos trabalhos a realizar.

O «Diário de Lisboa»

na Figueira da Foz

Deixou o cargo de correspondente do «Diário de Lisboa» na Figueira da Foz o sr. Coelho de Almeida, sendo escolhido para o substituir o sr. Antonio Augusto Esteves, jornalista muito conhecido e estimado naquela cidade.

Monumento a José Augusto Coelho

Ultima lista de subscrições para o monumento para o egregio pedagogista José Augusto Coelho: transporte, 6.830\$00; dr. João da Conceição e Silva Jor., 50\$00; eng. Vasco Viana, 20\$00; prof. José Tomás Gordo, 10\$00; prof. Manuel Subtil, 6\$00 e industrial Silvano Pereira, 10\$00. Total, 6.926\$00.

ACAMPAMENTO DE ESCOTEIROS

Nos proximos dias 23, 24 e 25 do corrente os Grupos de Escoteiros n.ºs 1, 7 e 99 e a Associação Humanitaria Cruz de Malta, realizam, na Quinta Grande, em Belas, um acampamento, o qual está despertando um grande interesse.

Paquete «NYASSA»

Com um valioso carregamento completo de carga geral e cerca de trezentos passageiros, largou ontem, ás 16 horas, para os portos das Colónias de Angola e Moçambique este paquete da Companhia Nacional de Navegação, que deve estar de regresso a Lisboa antes do Natal.

Desastre no trabalho

Recolheu ao hospital de S. José o pedreiro Antonio de Carvalho, de 38 anos, que ficou esta manhã entalado no elevador de uma padaria mecanica da Companhia Industrial de Portugal e Colonias.

SALÃO MONDEGO

R. Barroca, 124
Tel. 2 5676

Hoje: Albina Pereira, Manuel Cascais e Domingos Silva.

TEATROS E CINEMAS

Alfredo Santos

Faz hoje nove anos que morreu Alfredo Santos, figura muito conhecida nos meios teatraes, onde as suas qualidades de trabalho, de honestidade e de simpatia lhe criaram fundas amizades, que ainda hoje perduram na saudade com que a sua memoria é evocada. Alfredo Santos, que fez teatro, como actor, serviu-o depois, como gerente das companhias do visconde de São Luiz de Braga e mais tarde das da empresa A. Ramos, Lda. Conviveu com os grandes artistas nacionais e estrangeiros, e foi a chave de muitos negocios que o visconde de São Luiz de Braga realizou tanto em Portugal, como no Brasil. Afável, bonacheirão e extremamente simpático, Alfredo Santos desapareceu, pode dizer-se, com os ultimos brilhos fulgurantes do teatro, a geração maior dos grandes artistas. Não lhe faltava sequer o charuto boémio, cuja cinza caía, quando o visconde assinava um bom contrato ou conferia, satisfeito, a folha da noite, que o bom Alfredo Santos, implacavelmente honesto, lhe apresentava num sorriso de bom humor.

Atrás do reposteiro

A empresa do Nacional tem concluido o program da actual temporada. As peças escolhidas e os artistas que fazem parte da companhia collocam o Nacional na vanguarda dos agrupamentos teatraes portugueses. Do repertorio fazem parte quatro originaes portugueses, que subirão á cena intercalados com outros de grande renome internacional. A companhia do Nacional de que fazem parte a ilustre artista Lucília Simões, tem como elementos novos o actor Samuel Deniz, sua mulher Adelina Campos e a actriz Maria Judice e continuam naquele agrupamento artistico outros valores da cena portuguesa, como Maria Clementina, Maria Lalande, Maria Brandão, Raul de Carvalho, João Villaret, etc.

—A nova companhia Adelina-Aura Abranches só amanhã estreia, no Avenida, a comedia, em 4 actos, «A Millionaria», cujo enaio geral se efectua esta noite.

—Na farsa «Desculpa, ó Caetano!», no Variedades, o actor-comico Soares Correia, está, desde ontem, substituindo o seu colega Barroso Lopes no papel do «Dr. Mata».

—Faz amanhã anos o escritor teatral e realizador cenografico Leitão de Barros.

—Realiza-se amanhã, com uma solenidade maxima, segundo as noticias que temos presentes, a festa artistica da querida vedeta Beatriz Costa, no Teatro Republica, do Rio de Janeiro, com a estreia da revista de Tomaz Colaço e Chianca de Garcia, «Água-Viva!». Os dois espectaculos de amanhã, desde ha muito que es-

tão completamente passados entre a colonia portuguesa e as figuras preponderantes da sociedade fluminense.

—A companhia Maria Matos, estreia amanhã no Sá da Bandeira do Porto, a comedia-farsa «A Bernarda», peça nova para aquela cidade, estreada a epoca passada no Avenida.

—Faz amanhã três anos que seguiu para o Brasil, com Procopio Ferreira, o escritor teatral João Bastos, que reside presentemente no Rio de Janeiro.

—Obteve ontem um grande exito no Teatro Elvense, em Elvas, a companhia Berta de Lavar-Alves da Cunha, que ali fez a sua estreia com grande entusiasmo do publico.

—Tem sido um grande triumpho, o exito que no Olimpia Club tem alcançado a notavel «estrela» de baile Eloisa Albeniz, assim como as artistas Nati Benito e Carmen Cruz.

«Pão Salão»

Estreia-se amanhã, no Apolo, esta revista popular, a preços popularissimos

Definitivamente, é amanhã que o actor-empresario Constantino de Carvalho, sem alaridos, mas consciente de que satisfará a todo o publico, apresenta no Apolo, teatro popular por tradição, uma revista popular, «Pão Salão», interpretada por uma companhia de artistas populares, e, desejoso de manter em Lisboa uma casa de espectaculos que sirva a todas as bolsas, mesmo as mais modestas, a preços popularissimos em todas as localidades.

Aproveitem os espectaculos de circo que terminam esta semana no Coliseu

Resolvam ir hoje ao Coliseu, porque é já no proximo domingo que a companhia de Circo dá o seu ultimo espectáculo que é como toda a gente sabe, o mais atraente, o mais alegre, o mais cheio de novidades e o mais barato de todos. Sabado: «Matinée».

«Outra Aurora» e «Musica e Mulheres», no Odéon e Palacio

Dois filmes de categoria nos oferece o novo programa do Odéon e Palacio e, como tributo de paciencia, cem metros que pretendem ter alguma novidade através de «mergulhos» absurdos. Deixemos os cem metros e apressemo-nos a reconhecer que qualquer dos dois filmes — «Outra Aurora» e «Musica e Mulheres» — constituiriam bom programa e têm realmente categoria. O primeiro pelo espirito que o anima e pelo ambiente em que se desenvolve, e pela admiravel representação da espirital Kay Francis, de Errol Flynn e Ian Hunter. O segundo porque nos recorda «O Grande Ziegfeld», pela

Amanhã — DEFINITIVAMENTE — Amanhã

A's 9 1/2 horas, no AVENIDA Telef. 2 7273

ESTREIA da Companhia Adelina Abranches

com a comedia
em 4 actos **A MILIONARIA**

PROGRAMAS DE HOJE

S. LUIZ Margarida Gautier
A's 21 e 30
Telef. 2 7172(Dama das Camélias)
com Greta Garbo
e Robert TaylorCENTRAL
TEL. 2 4381
Soirée ás 21 e 30
JORNADA NEGRA
Um filme de espionagem
com Conrad VeidtODEON Musica e mulheres
A's 21 e 15
Telef. 2 6283

com William Powell e Bette Davis

PALACIO Outra Aurora
A's 21 e 30
Telef. 4 7183

com Kay Francis e Errol Flynn

REX MATOU
ABAIXO O JAZZ
«Canção Nacional»
No Cinema e Salão de Festas
Telef. 2 8656
A's 21 e 15TERRASSE Revolução de mal
Riocardito entre cha-
mas e bandidos
Tel. 2 0917LYS A revolução de maio
Tel. 4 8560 Flores de NiceTIVOLI CAIM E MABEL
com Clark Gable
e Marion Davies
TELEF. 5 0695CONDES Entre Duas Paixões
Um filme de l'Herbier
com Marcelle Chantal
e Victor Francen
A's 21 e 30
TEL. 22623CAPITOLIO Tempos modernos
O rapaz do elefante
Tel. 27493 A's 21.15
No terraço e no salãoPAVILHÃO A's 21 e 15
Destino marcado
Charlie Chan na Califórnia
PORTUGUÊSROYAL Acusação
Uma noite de sonho
Telef. 46037
A's 21JARDIM Quando o Rouxinol Canta
CINEMA QUATRO IRMÃS
A's 21 — Tel. 6 3065CASINO A's 21 e 30
ESTORIL Café Metropole

presença do genial elegante que é William Powell, e do ambiente luxuoso-modelos de alta costura e trechos de fantasias teatraes de tão bom gosto como as combinações de plumas, que constituem novo motivo de prodiga e refinada ostentação. Bette Davis deixa ver os seus olhos de misterio, e algumas lindissimas raparigas norte-americanas deixam ver muito mais...

As duas produções são anunciadas como sendo de William Dieterle, facto que o acredita definitivamente como realizador, pelo acerto de ambas e pela diversidade de espirito e ambiente. — R.

CARTAZ

TEATROS

Eden—A's 20 e 45 e ás 23—«Chuva de mulheres».

Maria Vitoria—A's 20 e 45 e ás 23—«O Cartaz de Lisboa».

Variedades—A's 20 e 45 e ás 23—«Desculpa, ó Caetano!».

Coliseu—A's 21 e 30—Companhia de circo.

CINEMAS

S. Luiz—A's 21 e 30.

Tivoli—A's 21 e 30.

Capitolio—A's 21 e 15.

Central—A's 21 e 30.

Chiado Terrasse—A's 21 e 15.

Condes—A's 21 e 30.

Lys—A's 21 e 15.

Odéon—A's 21 e 15.

Olimpia—A's 14 e 30 e ás 21.

Palacio—A's 21 e 30.

Pavilhão Português—A's 21.

Royal—A's 21.

Rex—A's 21.

A Semana Unica

UM EXITO!

A REVISTA

CHUVA

DE

MULHERES

A PREÇOS POPULARES

NO

EDEN TEATRO

Poltronas de orchestra.... 9\$00

de plateia..... 7\$00

Balcão de 1.ª ordem..... 6\$00

de 2.ª "..... 4\$00

Geral..... 2\$50

VICTORIA-BAR

PARQUE MAYER

Apresenta o grande exllo

Matilde Ocaña

MARIA VITÓRIA

O Cartaz de Lisboa
A's 8,45 e 11 horasMONUMENTO DE RISOTA
ASSOMBRO DE GRAÇA
FABRICA DE ALEGRIA
COLOSSO DE GARGALHADAS
SÓ

Desculpa, ó Caetano!

VARIEDADES
A's 8,45 e 11 horas

A GUERRA NO EXTREMO-ORIENTE

As potencias aconselham o Japão
a participar na conferencia de Bruxelas

Fuzileiros da marinha japonesa, um observando, outro metralhando, nos arredores de Changai

TOQUIO, 21.—O embaixador da Bélgica entregou a Hirota a seguinte nota: «De conformidade com o pedido do governo britânico feito com a aprovação dos Estados Unidos, o governo real da Bélgica propõe aos estados signatários do tratado de 6 de fevereiro de 1922 reunirem-se em Bruxelas no dia 30 de outubro corrente, nos termos do artigo 7 do tratado, a fim de examinarem a situação no Extremo-Oriente e estudarem os meios amistosos para apressar o fim do infeliz conflito existente».

Hirota respondeu que entregará a resposta oficial do governo nipónico depois de se avistar com o príncipe Kono e com os ministros interessados. Sabe-se, por outro lado, que os embaixadores da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos visitaram Hirota para lhe recomendar que aceitasse o convite do governo belga. Precisaram que a Conferência não tem de modo algum por objecto decidir medidas hostis ao Japão. O embaixador da França fez ontem idêntica diligência.—(Havas)

MEXICO, 21.—O Mexico aceitou o convite para a Conferência das Nove Potências, onde será representado por Isidro Fabela, seu delegado na Sociedade das Nações.—(D. N. B.).

A boicotagem dos produtos japoneses
A campanha contra o comunismo no Japão

TOQUIO, 21.—Os membros do comité formado para organizar a luta contra o Komintern, de que fazem parte altas personalidades do mundo jornalístico e muitos oficiais superiores do Exército e da Marinha, todos fervorosos adeptos do pacto com Berlim, celebraram ontem de tarde o primeiro aniversário da assinatura daquele pacto. Elaboraram um programa de conferências e organizaram uma campanha de propaganda.

Por outro lado, Ichiro Kiyose entregou ao ministro dos Estrangeiros, Hirota, o texto da moção aprovada pela associação dos membros do Dieta, interessados no problema chinês, declarando-se «contrária a toda a participação na conferência das 9 potências».—(Havas).

PARIS, 21.—A C. G. T. publicou o seguinte comunicado: «A comissão administrativa da C. G. T., reunida em 19 do corrente, examinou a situação interna e externa. Censurou os actos de barbarie praticados pelos japoneses contra populações civis. Segura de interpretar os sentimentos da maioria

do povo francês, declara necessário associar a opinião a esta condenação convidando o povo francês a boicotar sistematicamente as mercadorias nipónicas. A comissão administrativa convida as organizações confederadas a tomar todas as medidas sindicais que se impõem para tornar a boicotagem mais eficaz».—(Havas).

Entram em acção tropas russas

TOQUIO, 21.—O jornal «Asahi» diz que forças militares soviéticas bombardearam diversas cidades a Oeste de Sin-Kiang na República socialista soviética chinesa, nomeadamente Kashgar, Yangsihahr, Yarkand, Khotan e Guma. Foram auxiliadas por 50 aviões de bombardeamento. O número de mortos foi grande. As tropas soviéticas ocuparam Kashgar, Yarkand e Khotan. Considera-se a invasão soviética como resultado do recente conflito entre os soviéticos e os indígenas muçulmanos.—(Havas).

As operações militares

O Estado Maior japonês não se manifesta acerca da situação nas províncias de Xan-Si e de Chan-Tung, onde, segundo notícias de origem chinesa, os japoneses foram derrotados. Os comunicados japoneses da frente de Xan-Si admitem que o avanço ao norte de Tai-Yuan é muito difícil porque os chineses contra-atacam furiosamente as posições japonesas. Na frente de Chan-Tung os japoneses pararam o avanço em direcção ao rio Amarelo enquanto aguardam a chegada de reforços.

Por outro lado a Domei informa que os japoneses atravessaram a ribeira Tchang, ao longo do caminho de ferro Pequim-Hankow, e marcham sobre Fenglotchen, na província de Honan. As forças aéreas japonesas desenvolveram uma grande actividade em todas as frentes e bombardearam especialmente os aeródromos e as instalações militares de Honan e de Kiangsi.

As forças chinesas continuam a bater em retirada nas várias frentes.

De Cantão comunicaram à Reuter que 4 aviões japoneses atacaram um comboio que seguia daquela cidade para Hong-Kong. A locomotiva e os vagões foram crivados de balas, mas nenhum passageiro foi atingido. É a primeira vez desde o princípio das hostilidades que um comboio de passageiros foi vítima dum ataque aéreo. Os aparelhos nipónicos lançaram depois granadas entre Wanglishen e Ping, sem causar estragos.

A ORGANIZAÇÃO DA JUVENTUDE

Os dirigentes da «Mocidade Portuguesa»
e foram cumprimentar o ministro da Educação

Começou hoje de manhã, no Conservatório Nacional de Musica, a reunião dos dirigentes da «Mocidade Portuguesa», na qual tomam parte delegados, sub-delegados e instrutores de centros em todo o país.

A's 10 horas, chegou o commissario nacional, sr. engenheiro Nobre Guedes. Fizera-lhe a guarda de honra dois «castelos» a que passou revista e que depois desfilarão diante dele.

No palco do salão de concertos, onde se viam numerosas bandeiras da «Mocidade» e uma nacional, formou-se a mesa, presidida pelo sr. engenheiro Nobre Guedes, que tinha á direita o major Frederico Vilar e o capitão-aviador Humberto Delgado, e á esquerda o 1.º tenente Soares de Oliveira. Os dois «castelos» formaram aos lados da mesa, enquanto, sob a direcção do maestro Herminio do Nascimento, «A Portuguesa» e o hino da «Mocidade».

Logo que se fez a ligação para a Emissora Nacional, o sr. engenheiro Nobre Guedes pronunciou um longo e interessante discurso.

O discurso do dr. Nobre Guedes

Começou por dizer que «de ha muito o Commissariado reconhecia a necessidade de promover esta reunião».

—É evidente—acrescentou—que não será possível, de entrada, impulsionar com a mesma velocidade o movimento da «Mocidade» em todas as cidades e vilas. Mesmo admitindo que os recursos materiais o facilitavam, era fatal que nos perderíamos e as consequências seriam desastrosas. A circunstancia de termos acertado até aqui, não deve embriagar-nos. Pelo contrario, uma das nossas preocupações deve ser a de encerrar com firmeza os exitos para se poderem alcançar outros sucessivamente maiores. É preciso também que tenhamos uma noção precisa do exito, não o considerando apenas pelo successo exterior, mas attribuindo-lhe o significado exacto como avanço seguro no campo da educação.

Um trecho importante:

—Haverá duvidas sobre a nossa posição em face destas duas noções: Deus e Patria? Não as julgo legítimas, mas é facil expor com simplicidade e precisão o nosso pensamento. O Estado português não tem religião official, mas reconhece a religião do seu povo. A Constituição marca sem reservas a posição do Estado a este respeito. A «Mocidade Portuguesa», organização nacional, não poderia seguir trilha diferente daquella que o Governo marcou. Segui-lo-emos com convicção. A religião dos portugueses é a católica. Os pequenos nucleos de outras religiões não têm volume que se considere. Embora, portanto, a «Mocidade Portuguesa» admita individuos de outras religiões só prestará assistência católica aos seus fillados. Entende-se que ao homem é necessario a fé religiosa como anseio de perfeição moral, como guia superior de todos os seus actos. Deus e Patria são noções que vivem associadas na alma dos portugueses. O culto de Deus e o amor da Patria foram os sentimentos que inspiraram os mais altos feitos da nossa Historia. Foi assim no passado, é assim no presente, queremos que seja assim no futuro. O facto do ideal religioso não ter fronteiras, o facto de ser um sentimento universal, não pôde por isso conduzir nunca a atitudes de solidariedade que sejam dalgum modo contrarias aos superiores interesses da Patria».

Disse que a «Mocidade Portuguesa» educa segundo a moral cristã e tem a formação moral como primeiro fundamento das suas actividades, «mas não pôde naturalmente limitar a sua acção educadora á constituição do individuo moral».

—A «Mocidade Portuguesa», que procura educar os homens do futuro não pôde ser apenas uma escola de moral. O aspecto da formação física faz parte, portanto, da orientação formativa da «Mocidade Portuguesa».

Assegurou que não «será fantasia prever que a «Mocidade Portuguesa» possa vir a fornecer os melhores elementos de estudo para as questões de



O sr. engenheiro Nobre Guedes discursa

educação física no país», e afirmou:

—Depois da gymnastica vem o desporto. Outro «papão» que temos diante de nós. Digamos em boa verdade que não nos faz grande medo. Não se confunda desporto com profissão desportiva, desporto desinteressado com desporto modo de vida. Não se entenda desporto e sobretudo proeza desportiva como finalidade educativa, mas sim como processo de educação.

Outro ponto digno de registo:

—A «Mocidade Portuguesa» não visa a instituição da criança-soldado, não pretende despertar nas crianças espirito de agressividade, nem adestrá-las precocemente em exercicios militares. Mas os seus designios de formação levaram naturalmente a formulas que foram e são inspiradas na organica militar. Só elas permitem dar á vida da «Mocidade Portuguesa» o espirito de sacrificio, de disciplina, de hierarquia e de devoção patriótica.

Um esclarecimento:

—A «Mocidade Portuguesa» não é apenas escolar. Nela cabem todos os pequenos portugueses. Por todas as condições especiais que a Escola reúne, ela tem de ser o eixo do movimento. Mas, salvo o papel de cultura que a Escola tem, os nossos centros extra-escolares serão dotados dos mesmos elementos de educação, sem destinação alguma nos processos de formação. Se a «Mocidade Portuguesa» não pôde ter a pretensão de fazer individuos iguais, a igualdade entre todos os seus fillados verificar-se-á no direito ás mesmas regalias como no dever das mesmas obrigações.

No Ministerio da Educação

Em seguida, todos os dirigentes presentes se dirigiram ao Ministerio da Educação Nacional, onde foram recebidos pelo ministro, dr. Carneiro Pacheco, ante o qual o sr. engenheiro Nobre Guedes leu um discurso, no qual afirmou que a «Mocidade Portuguesa» tem feito o seu desenvolvimento inteiramente de acordo com o pensamento do governo.

E acrescentou:

—Se a obra tem como uma das primeiras características a hierarquização de funções, o respeito de comando, que é a base essencial para a ordenação das suas actividades, para a uniformidade e sistematização de processos se cada um de nós conhece os seus deveres e sabe a natureza e o limite das suas obrigações, se não somos portanto iguais pelas atribuições, a todos nos iguala a dedicação e o desejo de servir. É esta devoção que facilita a disciplina da nossa vontade.

«Não queremos dizer com isto a V. Ex.ª que a organização da «Mocidade Portuguesa» atingiu a perfeição. Está longe disso, mas segue o caminho que lhe permite alcançá-la. O acerto das regras organicas havemos de fazê-lo com a facilidade que nos dá o espirito de concórdia que todos temos. As dificuldades que se levantam fora de nós, havemos de vencê-las pela vontade forte que nos anima».

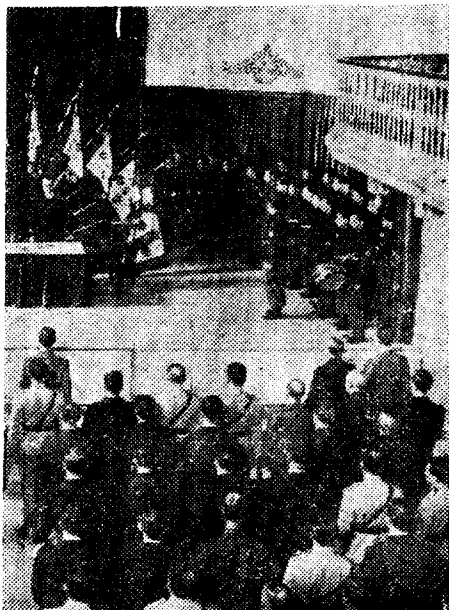
Barbosa & Costa L.
Largo R. Bordoal Pinheiro, 7 a 11
apresentam o novo tapete **HALCA**
O melhor tapete Português
com preço de concorrência
Grande stock
Telefone 23562

MOBILIAS DA GRANJA
Se V. Ex.ª vai mobilar a Casa visite primeiro as exposições de mobílias e tapetes, onde encontrará sempre os mais belos modelos. C. Sacramento, 6º ao Chiado Lisboa

NTUDE

"reuniram-se hoje

Colecção Nacional



Trabalhando na reunião do Conservatório

O sr. engenheiro Nobre Guedes pediu por fim ao sr. ministro da Educação que fosse o portador das saudações dos dirigentes da «Mocidade», para o sr. presidente do Conselho.

O discurso do ministro

O sr. dr. Carneiro Pacheco agradeceu em seguida os cumprimentos que lhe foram dirigidos e afirmou a todos os dirigentes da «Mocidade Portuguesa» a satisfação do governo pela obra realizada.

Acrescentou que se a alguns espíritos dados à confusão ou à timidez pareceria estranho que um ministro civil se encontrasse rodeado de tantos militares, todos deveriam lembrar-se de que a obra tem por lei o sentido da educação pré-militar da juventude e até os cadetes, seu último escalão, constituem uma milícia.

Em seguida observou que algumas vitórias contava já a «Mocidade Portuguesa», sendo a primeira a de ter despertado o interesse da juventude, outra sobre a incredulidade da gente sincera, a de ter destruído algumas resistências e a de haver conquistado a simpatia da Nação.

Havia, porém, que intensificar e metodizar esforços dentro dum perfeito espírito de unidade, pelo que muito bem andara o Commissariado Nacional em promover as reuniões dos dirigentes, que hoje começaram.

O sr. dr. Carneiro Pacheco declarou depois que se procuraria completar a rede da organização, no que as escolas competia importante papel. Recordou como a reforma do ensino liceal e a do ensino primário elementar, já realizadas, estabeleciam serem aquelas centros de actividade da «M. P.»; esperava a activa colaboração de quem as dirige ou nelas ensina; e assim a obra se afirmaria em «extensão».

Pela instrução geral, pela formação de graduados e pela instrução militar dos cadetes se acentuaria na «M. P.» o espírito de corpo e a obra se afirmaria em «profundidade».

O interesse da juventude portuguesa pelos altos fins da organização seria cultivado através das práticas desportivas, dos acampamentos, das excursões, das comemorações e festas nacionais, das publicações adequadas, e assim se manteria a obra em «continuidade».

Para o maior rendimento dos esforços empregados, eles seriam realizados sempre dentro dum plano e com método, atingindo-se assim o «ritmo» da obra.

«Extensão, profundidade, continuidade, ritmo», dentro duma forte «unidade hierarquizada», tais lhe pareciam dever ser os objectos da acção no ano que começa. E concluiu: «Havemos de alcançá-los, para que a geração que aí vem saiba corresponder à responsabilidade deste Portugal eterno que as gerações do derrotismo andaram a comprometer e a denegrir, e que hoje se ergue e fala ao mundo em toda a grandeza da sua missão histórica e da sua força moral».

A SITUAÇÃO NA PALESTINA

O numero de incidentes

é cada vez mais reduzido

JERUSALEM, 21.—Os quatro membros do Supremo conselho muçulmano que se mantêm no exercício das suas funções aceitam colaborar com a comissão encarregada de olhar pelos bens muçulmanos desde que a comissão se limite a uma fiscalização financeira. Os membros árabes do conselho municipal de Jerusalém enviaram ao commissariado do distrito uma exposição em que pedem o regresso de Khaldi, ex-governador civil, deportado para as ilhas Seychelles e de Derwiche, conselheiro, internado em São João do Acre. Os meios bem informados não crêem que estes pedidos sejam satisfeitos. Em geral, a situação na Palestina denota acalmia. Dão-se apenas incidentes isolados. Em Jerusalém um árabe foi vítima da explosão prematura duma bomba que se propunha lançar e aqui e além registam-se tiros de espingarda. Em Jafa a Polícia prendeu 40 extremistas árabes. Um indivíduo, sem duvida árabe, que fugiu aproveitando-se do pânico da multidão, disparou tiros ontem à noite na cidade velha contra diversos polícias britânicos, os quais não ficaram feridos.—(Havas)

Judeu atacado a tiro

JERUSALEM, 21.—Um inspector judeu foi hoje atacado a tiro por um desconhecido em frente do departamento da educação. O inspector ficou gravemente ferido e teve de recolher ao hospital.—(D. N. B.).

Restrições à entrada de judeus na Palestina

JERUSALEM, 21.—A Imprensa judaica ataca violentamente o projecto de lei sobre o futuro regulamento da emigração dos judeus, segundo a qual apenas o alto-comissário poderá determinar o numero dos emigrantes judeus admitidos na Palestina. O numero maximo provisorio, é fixado para os proximos meses, em mil. Os jornais judeus declaram que este novo projecto de lei constitui uma violação das promessas dadas e uma submissão dos ingleses à pressão árabe.—(D. N. B.).

Na Junta Autonoma de Estradas

A posse do brigadeiro Silveira e Castro

O sr. brigadeiro Silveira e Castro foi hoje oficialmente investido no cargo de presidente da Junta Autonoma de Estradas.

Cerca das 16 horas, o gabinete do sr. ministro das Obras Publicas e Comunicações encheu-se por completo de pessoas que desejavam assistir ao acto da posse: representantes de associações e de organismos economicos, aviadores e amigos do novo presidente da J. A. E.

Depois do sr. engenheiro Carvalho e Sá ter lido o auto de posse, o sr. ministro das Obras Publicas referiu-se ao significado do acto e recordou a figura do sr. general Teófilo da Trindade, salientando as qualidades do empossado.

O sr. brigadeiro Silveira e Castro agradeceu, em breves palavras, as referencias que lhe fizeram e a presença de quantos ali se encontravam.

O sr. engenheiro Taveira agradeceu por fim também os elogios feitos à sua acção, os quais deviam recair—esclareceu—em todo o pessoal.

RETIRO DA SEVERA

Maria Emilia Ferreira, Adalina Silva, Carmen Santos, Alfredo Duarte (Marceneiro), Julio

Proença e José Tovar. Sabado, 23—Rancho de Cantanhede. Reserve a sua mesa.

Retiro da Severa (Cine-Rex)

Rua da Palma
Arminda Vidai
Raquel de Souza
José Porfírio
Guilherme Janeiro
ENTRADA FRANCA

TAPETES PORTUGUESES

Ninguém compre sem visitar a interessante exposição da Casa de Artigos Regionais — Arte e Ménage—Alecrrim, 71, 1.º—Telef. 2 0711.

A SESSÃO DA CAMARA MUNICIPAL

O novo jardim do Campo Pequeno

passa a denominar-se «do Marquês de Marialva»



Um aspecto do novo jardim do Campo Pequeno

Na sessão da Camara Municipal que hoje se realizou, sob a presidência do sr. general Daniel de Sousa, foram aprovadas três propostas que publicamos na integra pelo interesse que oferecem para os nossos leitores.

«Bairro dr. Oliveira Salazar»

A primeira foi apresentada pelo vereador do pelouro da Urbanização, sr. Alvaro Frade, e é do teor seguinte:

«Em nome do Conselho Administrativo da Caixa de Socorros e Reformas dos Operarios e Assalariados da Camara Municipal de Lisboa e considerando que este organismo tem em construção na rua do Alvíto um bairro para os seus associados e se torna necessario, como é de uso, attribuir-lhe designação; considerando que é desejo do Conselho Administrativo da Caixa, desejo expresso por unanimidade em sua sessão de 25 de junho ultimo, dar áquele bairro o nome do sr. presidente do Conselho, como homenagem simples aos altos serviços de S. Ex.ª de que se salientam os seus marcados propositos de criar á classe operaria um conjunto de facilidades que lhe proporcionem vida sossegada, dentro da sua modestia natural; tenho a honra de propôr: que ao bairro da rua do Alvíto seja dado o nome de «Dr. Oliveira Salazar».

Melhoramentos citadinos

As outras duas propostas dizem respeito ao pelouro dos Serviços Culturais e foram apresentadas pelo respectivo vereador, sr. coronel Pereira Coelho. Uma refere-se ao novo jardim do Campo Pequeno e é concebida nos seguintes termos:

«Aos jardins da capital, e independentemente das praças ou largos onde estão situados, têm sido dados nomes que, em geral, recordam figuras de artistas ou homens de letras que a Camara entendeu dever, assim, homenagear.

Por essa forma expressiva e delicada as memorias, entre outras, de Alfredo Keil, Antonio Feijó, Guerra Junqueiro, Antonio Nobre, Gomes Leal, Fialho de Almeida, Julio de Castilho, Roque Gameiro, Bulhão Pato, Braamcamp Freire, Silva Porto, Cesario Verde, Marcelino Mesquita e, ultimamente, de Augusto Gil, Olavo Billac e Henrique Lopes de Mendonça ficaram ligadas a alguns dos mais belos, poeticos e floridos recantos de Lisboa.

Prosseguindo no desejo de proporcionar á população da cidade novos espaços ajardinados e arborizados, ampliando, a bem da hygiene e da estetica ulissiponenses, os pulmões da capital, a actual Comissão Administrativa realizou o jardim que, no largo do Dr. Afonso Pena, se vai inaugurar no proximo dia 25, data do feriado municipal. E tendo em conta a sugestão do local onde se ergue, entendeu-se que o criterio anteriormente adoptado poderia ser dispensado de ter applicação ao escolher-se a nomenclatura a dar ao jardim do Campo Pequeno.

Por isso, considerando que na figura illustre do 4.º marquês de Marialva, D. Pedro de Alcantara de Menezes, homem de guerra, homem de Estado e, também, mestre na arte de bem cavalgar, simbolizou a tradição, numa homenagem espontanea, que carece de ser ratificada oficialmente, muitas qualidades tipicamente lisboetas, mas já hoje em crepusculo—uma forma especial de cavalheirismo e de galantaria, um tipo de fidalguia plebeia, aristocrata pelo sangue e popular trato e pelas predilecções, o

gosto das diversões portuguesas, como as corridas de toiros e o nobre exercicio da equitação; tenho a honra de propôr: Que ao jardim a inaugurar no proximo dia 25, feriado municipal, no largo Dr. Afonso Pena, ao Campo Pequeno, se dê o nome de «Jardim do Marquês de Marialva», em homenagem ao illustre homem de guerra e homem de Estado do reinado de D. José, que, como mestre na arte de bem cavalgar, é um simbolo de certas virtudes da raça e lisboetas a que a tradição tem prestado homenagem».

Medalha de ouro municipal

A outra proposta confere ao sr. dr. José de Figueiredo a medalha de ouro de merito municipal:

«De harmonia com o que determina o respectivo Regulamento, aprovado em definitiva redacção na sessão de 10 de outubro de 1935, é da exclusiva iniciativa da Comissão Administrativa a concessão das medalhas de ouro de Mérito Municipal. E assim, estabeleceu-se que ao vereador do pelouro dos Serviços Culturais competiria, anualmente, propôr o nome de duas personalidades que, pelos notaveis e relevantes serviços prestados á capital, eram julgadas dignas de receber tal galardão.

Por esse motivo e considerando que o eminente critico de arte dr. José de Figueiredo, presidente da Academia Nacional de Belas Artes e director dos Museus Nacionais de Arte Antiga de Lisboa, é uma das figuras de maior relevo na galeria contemporanea dos nossos valores mentais; considerando que os seus notabilissimos estudos de historia da arte nacional revelaram a existencia duma magnifica Escola de Pintura Portuguesa, em que, acima de muitos artistas admiraveis que enriquecem o grupo dos nossos primitivos, brilha o nome, já hoje glorioso e conhecido em todo o mundo culto, de Nuno Gonçalves, o autor inigualavel do politico da «Veneração de S. Vicente», ressuscitado para o patrimonio artistico da nação graças aos trabalhos do dr. José de Figueiredo; considerando que os Museus constituem uma das maiores atracções artisticas das cidades civilizadas de todo o mundo, quer para os seus habitantes, quer para os estrangeiros que as visitam; considerando que a cidade de Lisboa está devendo a tão illustre esteta e erudito a criação e ampliação constante do modelar Museu das Janelas Verdes, onde se guardam, num ambiente que singularmente as valoriza, as mais preciosas especies e os mais afamados tesouros da arte antiga ulissiponense e portuguesa; considerando que o dr. José de Figueiredo tem sido também um constante defensor dos valores artisticos lisboenses e tem, de ha muito, prestado á Camara Municipal inestimaveis e desinteressados serviços através das consultas que lhe têm sido feitas acerca de problemas que se relacionam com a estetica da capital; tenho a honra de propôr: Que ao dr. José de Figueiredo, presidente da Academia Nacional de Belas Artes, director dos Museus Nacionais de Arte Antiga e notabilissimo critico de arte, se conceda a medalha de ouro de Mérito Municipal, relativa a 1937, pelos constantes e valiosos serviços prestados ao patrimonio artistico da Nação e em especial ao da cidade de Lisboa, que lhe está devendo a criação e organização do Museu das Janelas Verdes, considerado em todos os meios da especialidade um estabelecimento modelar, e uma continua e desvelada atenção na defesa dos seus valores esteticos».

Aniversário do Armistício

Encontra-se aberta até o dia 8 de Novembro próximo, na rua D. Pedro V, 120, e rua Augusta, 196, a inscrição para o almoço de confraternização dos sargentos do Regimento de Sapadores Mineiros — componentes das Companhias Expedicionárias à França e África durante a Grande Guerra. Antes do almoço será deposto no Monumento aos Mortos da Grande Guerra, um ramo de flores para o que se pede a comparencia de todos, junto do respectivo monumento, às 10 e 30 do próximo dia 11.

TAUROMAQUIA**Corrida luso-espanhola em Sevilha**

Foi transferida para o próximo dia 31, em Sevilha, a corrida de touros luso-espanhola que ali se devia realizar no dia da Festa da Raça e para a qual os srs. Infante da Camara ofereceram touros e o cavaleiro João Nuncio a sua colaboração artística.

LIGA DOS COMBATENTES

Hoje às 18 e 30, a sede da Liga dos Combatentes da Grande Guerra é visitada pelos srs. ministro da America, encarregado de Negocios da Inglaterra, e adido naval americano.

Empresa Insulana de Navegação



O paquete

"CARVALHO ARAUJO"

Para a Madeira, S. Miguel, Terceira, Graciosa (Praia), S. Jorge (Velas), Caes do Pico, Fayal, Corvo e Flores (Lagens e Santa Cruz) sai no dia 23 de Outubro às 15 horas.

AVISO: Os líquidos e cargas de estiva devem estar à borda até às 17 horas do dia 20 e todas as outras cargas até à mesma hora do dia 21. Quando por motivo justificado tenha de ser recebida fora daqueles prazos pagará a sobre-taxa de 20 %.

Trata-se com os agentes
GERMANO SERRÃO ARNAUD
Telefone 20214 — Avenida 24 de Julho, 2, 2.º



Um semblante juvenil,
fresco, graças ao
KHASANA

Baton para os lábios e
Rouge para as faces, resis-
tindo às intempéries, à água
e aos beijos

Baton para os lábios Khasana.
Rouge para as faces Khasana.

KHASANA

Agentes Gerais: **SCHLEEDORN & JACOBY, Lda.**
Rua do Crucifixo, 76-1.º — Lisboa — Tel. 27092

Atenção

Se o seu terraço mete
água torne-o impermeável
com o **Asfalto-Rocknitz**
preparado por Virgílio Al-
ves e aplicado sob a sua
d direcção desde 1930.

Asfaltos Breus e Betumes
VIRGILIO ALVES

— Rua Carlos da Maia, 26 —
Telef. 62917

COMPANHIA DE MOÇAMBIQUE

Território de Manica e Sofala — Africa Oriental Portuguesa

Capital — BEIRA

Extensão: 13.492.300 hectares

Uma das regiões do continente africano mais férteis sob o ponto de vista agrícola e ricas sob o ponto de vista mineiro. O porto da Beira é servido por magníficas vias ferreas que ligam com a Rodésia e com o Nyassaland.

Para informações: **EM LISBOA:** Largo da Biblioteca, 10 — Sede da Companhia Secretária Geral do Governo do Território

GABARDINE «UNIVERSAL»**A CASA DAVID**

não vende a prestações

mas **VENDE BARATO**

259, Rua dos Fanqueiros, 261

Confrontem os seus preços

Vejam o seu sortido

Empresa de Transportes BRAGA

Rua dos Correios, 28

LISBOA

Telefone 2 1249

**Camions,
Camionetes
e Carroças**

Para todos os generos de
transporte em Lisboa e em
todo o país

Servico especial de Mudanças



o meu segredo?

...porque tens tu inveja da minha
tez? Porque não adoptas, como eu,
o mais suave, o mais fino dos pós:
RÊVE D'OR de L. T. Piver?

Muito aderente, duma tenuidade
imponderável, o RÊVE D'OR dá à tez
uma frescura transparente e uma
suavidade adorável.

Os mais belos rostos tornam-se
ainda mais belos com o pó

RÊVE D'OR

L.T. PIVER
Rua Saraiva de Carvalho, 207-B
LISBOA

HAVAS

Se

quere beber um vinho **ESPUMANTE NA-
TURAL** de grande classe, não inferior aos
melhores do estrangeiro, peça uma das
seguintes marcas da **REAL COMPANHIA**

**SUCESSO
PROGREDIOR
ASSIS BRAZIL
PRIMEIRA RESERVA
EXTRA RESERVA**

Encontram-se á venda em todos os bons
estabelecimentos

Ennor, L. da

Transportes por
domicilio a



Sucessor

camionagem
domicilio

Rapidez, correcção e seguros contra todos os riscos

Transportadora das melhores Empresas do País

PORTO

LISBOA

Rua Azevedo Coutinho, 132 (ao Bessa)

Rua Gilberto Rôla, 8 (a Alcantara)

Telefone 6102

Telefone 2 4792

Recorte este Anuncio e Apresente na

Fotografia AMERICA

RUA DO REGISTO CIVIL, N.º 6 e 6-A—Telef. 5 0065
Juntamente com 5 Escudos receberá uma boa
fotografia 18x24 ou 1 postal por 2\$50

SATURIO PAIVA

Da Escola Dentaria de Paris
RETOMOU A CLINICA
Doenças da boca e dos dentes—Prothese
—Orthodontia
R. Santa Justa, 60-2.^o
Telef. 2 4300

Ortiz está eleito

presidente da Republica argentina
BUENOS AIRES, 21.—As juntas eleitorais, compostas pelos convencionais proclamados nas eleições presidenciais de 5 de setembro, reuniram-se ontem em todo o país para proceder à eleição do presidente e vice-presidente da Republica. Consagraram o triunfo, por grande maioria, de Ortiz para a presidencia e de Castillo para a vice-presidencia no periodo de 1938-1944.—(Havas).

Aviadores alemães em Londres

LONDRES, 21.—Os aviadores alemães chefiados pelo general Milch, continuaram ontem as suas visitas aos aeroportos britânicos. À noite, as forças aéreas britânicas ofereceram uma recepção em sua honra. Entre os cem hóspedes, encontravam-se personalidades de alto destaque, representando as forças aéreas, e o ministro do Ar, lord Swinton.—(D. N. B.).

Os que morrem

General Rolando Ricci

ROMA, 21.—Faleceu em Turim, com 67 anos de idade, o general Rolando Ricci, que se distinguiu na Grande Guerra como chefe do estado maior do 22.º corpo de exercito.—(Havas).

Revolta na Bolívia

LA PAZ, 21.—Na provincia de Ururo varias centenas de cultivadores revoltaram-se contra os proprietários das terras. O movimento, porém, já foi sufocado.—(Havas).

O PROBLEMA DE DANTZIG

BERLIM, 21.—De Dantzig informam à D. N. B. que o prefeito de policia dissolveu o Partido do Centro.—(Havas).

Para tapetes, passadeiras e alcatifas há em Lisboa uma casa especializada.

Quintão, Rua Ivens, 32

Hotel da Praia do Sol

Tel. 112 **COSTA DE CAPARICA**

Aberto todo o ano. Restaurante permanente a preços modicos. Serviço de banquetes. Preços especiais para fins de semana.

ELIMINE OS PELOS

COM

A LUVA DEPILETORIA

SENHARIGILO

Processo moderno
Eficacia absoluta

Fazem-se demonstrações

A' venda nas boas casas

DISTRIBUIDORES:

VIALIS, L.ª

R. Fanqueiros, 62, 1.º, E.

LISBOA

Tel. 29434

MAURICIO

DECORAÇÕES E MOBILIARIO

Distinção e Gosto

Rua Augusta, 240, 1.º

Tel. 2 2298

AUTOMOVEIS — MOTOS

Compram-se ou aceitam-se para venda entregando-se logo parte do seu valor. Facilitam-se as vendas por nossa conta.

AUTO PALACIO

Avenida Duque de Avila, 30

ESTRANGEIRO**A tensão germano-checa**

Comentarios de jornais do Paris

PARIS, 21 — A maior parte dos jornais publica esta manhã o comunicado da «D. N. B.» sobre a «démarche» do ministro da Checo-Eslovaquia junto de von Neurath e a rejeição oposta por este.

O «Petit Parisien» recorda a Praga o auxilio que encontrou em Paris e em Moscovo na sua acção contra os alemães dos sudetes e declara que a Checo-Eslovaquia é um país pequeno mas possui poderosos amigos. O jornal acrescenta que é necessário que Berlim saiba que a atitude da Alemanha não passará despercebida em Moscovo e em Paris, nem mesmo em Londres.

O «Petit Journal» observa que a Imprensa alemã torna a França responsável pela tensão germano-checa.

«Crê-se em Berlim—continua o mesmo jornal—que a impertinencia de Praga teria a sua fonte na convicção do governo checo-eslovaco de poder dispor, em caso de necessidade, dos sabres franceses e dos canhões soviéticos. A França seria, portanto, arrastada para a polemica germano-checa e encarregada da responsabilidade da grave crise actual.»—(D. N. B.).

Assembleia proibida

PRAGA, 21.—A Policia de Estado em Bohemise-Leipa proibiu uma assembleia do partido dos alemães dos sudetas anunciada para hoje. Na ordem de proibição, diz-se que a assembleia «podia ser de natureza a comprometer a ordem publica».—(D. N. B.).

Rosenberg responde a Roosevelt

num discurso em Munich

MUNICH, 21.—Referindo-se indirectamente ao discurso de Roosevelt, Rosenberg declarou no Congresso dos funcionarios alemães:

Protestamos contra a idéa de que a liberdade pessoal immediata é a base da civilização. As democracias proclamam-no. Melhor seria chamar-se a atenção para a existencia dos negros e judeus nos Estados Unidos do que dirigir censuras á civilização. Preferimos não nos ocuparmos das censuras de Washington. Os pretensos progressos nos Estados Unidos são um retrocesso em relação á evolução historica.

Afirmou que o Reich nunca renunciará á «honra alemã e ás leis que protegem o sangue». E acrescentou: Esclareçamos os adversários se crêm poder organizar a luta. O nosso fim é realizar a unidade entre a doutrina nacional-socialista, o povo e o Estado. Quando se realizar essa unidade, poderemos anunciar ao Fuehrer que a revolução triunfou.—(Havas)

NOTÍCIAS DO BRASIL

A substituição de Flores da Cunha

RIO DE JANEIRO, 21.—A assembléa legislativa do Rio Grande do Sul, val elegeu o sucessor do general Flores da Cunha, que renunciou ao cargo de governador daquele cargo, e partiu para o Uruguay, «a fim de evitar explorações politicas em torno da sua attitude». Apontam-se como possíveis candidatos os srs. Antunes Maciel, ex-ministro da Justiça, e Baptista Luzardo, ex-chefe da policia do Distrito Federal, e uma das individualidades que apoiam o dr. José Americo, candidato á presidencia da Republica.—(Americana).

A assistencia á criança

RIO DE JANEIRO, 21.—A Camara dos Deputados aprovou uma moção de aplauso ao presidente da Republica e ao ministros da Justiça e da Educação, por motivo da politica de assistencia á criança desamparada, iniciada pelo governo do dr. Getulio Vargas e que acaba de receber grande incentivo com a criação do Instituto Nacional de Puericultura.—(Americana).

Morte dum grande pintor

RIO DE JANEIRO, 21.—Faleceu o grande pintor brasileiro Antonio Parreira, que expôs diversos quadros historicos, tendo sido laureado em muitos salões de Belas Artes.—(Americana).

Nacionais-socialistas condenados

num tribunal de Budapeste

BUDAPESTE, 21.—O tribunal de Budapeste condenou todos os reus no processo dos 69 nacionais-socialistas do partido denominado «Cruz e Foice». Eram acusados da organização dum «putsch» militar para estabelecer na Hungria um regime totalitario de tendencia nacional-socialista. Os reus tinham planeado apoderar-se do poder por meio de levantamento. Aos debates foi dada grande publicidade, para que o julgamento servisse de exemplo, pois não se oculta em Budapeste que outros agitadores mais perigosos continuam a agir em liberdade.—(Havas)

Na Russia Sovietica

49 condenações á morte

VARSOVIA, 21.—Informam de Kiev que durante o mês de setembro foram intentados 19 processos contra camponeses e funcionarios da administração agricola que se realizaram no tribunal da Ucrania. Além de numerosas condenações a penas severas, 49 acusados foram condenados á pena de morte.—(D. N. B.).

CASA PALMARES

EM LIQUIDAÇÃO PARA TRESPASSE

Toda a existencia desta casa a preços excepcionalmente baratos

OS MELHORES CHAPEUS ESTRANGEIROS

OS MELHORES CHAPEUS NACIONAIS

AS MAIS LINDAS GRAVATAS ESTRANGEIRAS

AS MELHORES LUVAS NACIONAIS e ESTRANGEIRAS

AS MAIS LINDAS NOVIDADES

OS MELHORES PERFUMES ESTRANGEIROS

TUDO A PREÇOS DE AUTENTICA LIQUIDAÇÃO

RUA DO OURO, 257

ACADEMIA DE CÔRTE GEOMETRICO

“SISTEMA MAGUIDAL”

Rua da Palma, 219-2.º

Telefone 2 1966

Cursos de côrte de fato para homem, individuais e colectivos

MATRICULAS ATÉ 30 DE OUTUBRO

Cursos por correspondencia

Matriculas permanentes

Funerais e Trasladações

Agencia M. Ferreira dos Santos

RUA DE ARROIOS, 211 — Telf. 4 1987

SERVIÇO PERMANENTE

O rei Faruk e o governo

O rei Faruk e o governo estão em desacôrdo?

CAIRO, 21.—O rei nomeou Aly Maher chefe do gabinete real. Até á sua nomeação como presidente do Conselho, em 1936, Aly Maher já tinha assumido as mesmas funções. Depois, este lugar ficou sem ser ocupado.

Segundo os jornais, o rei pronunciou a sua nomeação contra a vontade do governo. Os meios politicos observam que a tensão entre a Corte e o governo se agrava cada vez mais. A opposição conta já mesmo com a demissão do gabinete. Os meios bem informados afirmam, no entanto, que esta suposição é completamente destituída de fundamento.—(D. N. B.).

Dois vapores alemães

abalroam afundando-se um deles

AMSTERDÃO, 21.—Com um nevoeiro muito espesso, os cargueiros alemães «Westfalia» (deslocando 945 toneladas) e o «Schwalbe» (deslocando 842 toneladas) abalroaram na costa holandesa a quinze milhas de Ymuiden. O «Westfalia» afundou-se imediatamente. Sete homens da sua tripulação puderam ser salvos, enquanto que os seis restantes desapareceram. O «Schwalbe» pôde continuar a viagem pelos seus proprios meios.—(D. N. B.).

YMUIDEN, 21.—O numero de vitimas da colisão entre os cargueiros alemães «Westfalia» e «Schwalbe» eleva-se a oito.—(D. N. B.).

SE O ESTÔMAGO SE DESARRANJA, TUDO VAI MAL

Um grão de poeira num carburador faz parar um motor. Um pouco de acidez estomacal e o motor humano começa a enfraquecer. Os primeiros sinais: azias, pesadumes, caimbras, enxaquecas, dilatações do estômago e sonolência, não devem ser desprezados pois podem-se tornar mais frequentes, conduzindo finalmente este excesso de acidez a males mais graves, tais como: dispepsia, gastralgia e até mesmo úlceras do estômago. O remédio indicado por milhões de pessoas de todas as partes do mundo e recetado pela classe Médica — a Magnésia Bisurada — não somente alivia imediatamente os males do estômago, neutralizando toda a acidez estomacal, como também é o preventivo por excelência de todos os desarranjos do organismo que tem a sua origem numa digestão defeituosa. Logo que se façam sentir os primeiros sintomas de uma má digestão, uma pequena dose de pó ou alguns comprimidos de Magnésia Bisurada tomados num pouco de água depois das refeições — quer se trate de adultos quer de crianças — evitarão muitos sofrimentos.

MAGNÉSIA

BISURADA

Vende-se em todas as farmácias, em pó e em comprimidos a Esc. 15\$00. Tamanho grande económico, a Esc. 23\$00.

CAMPOS & C.ª

Vila Nova de Gaia

— os melhores —

VINHOS DO PORTO

Supersom
RADIO
Em exposição os famosos
modelos 1938
Rua da Conceição, 35. 1.º

ULTIMAS NOTICIAS



A GUERRA CIVIL EM ESPANHA

Começam a conhecer-se pormenores sensacionais

acêrca das graves desinteligências que se suscitaram entre Barcelona e Valencia

(Continuação da 1.ª página)

sivel, embora se tenha empenhado muito a fundo em frente de Saragoça para poder agora fazer um ataque sério noutra parte. Em todos os casos, o proprio inimigo não deve alimentar ilusões quanto aos resultados. Saragoça é o mais belo florão da nova Espanha. Dela não se apoderarão».

Valencia desmente uma atoarda

VALENCIA, 21.—Interrogado por um representante da Havas acêrca da noticia publicada na imprensa estrangeira segundo a qual os italianos teriam instalado bases marítimas no arquipélago das Columbretas e os alemães bases na ilha de Alboran, Indalecio Prieto declarou que não tinha nenhuma noticia oficial que confirmasse tais factos.

Recompensa a aviadores

VALENCIA, 21.—O ministro da Defesa Nacional recompensou três aviadores que num vôo nocturno abateram dois trimotores alemães. Cada aviador recebeu um relógio de ouro e uma carteira com o emblema da aviação em ouro e platina, assim como um automóvel «Chrysler».—(Havas).

O assassinio do barão de Brochgrave

HAIA, 21.—Durante os debates do tribunal internacional sobre o assassinio do diplomata belga barão de Brochgrave pelos bolchevistas espanhóis, o representante da Espanha soviética tentou reduzir a nada a parte da queixa belga sobre a inacção das autoridades judiciais valencianas durante o inquerito relativo ao dito caso apresentando conclusões e pedindo ao tribunal que se declarasse incompetente para tratar do assunto.

O representante do governo belga fez destacar, pelo contrario, que tinha todas as razões para manter o texto primitivo da sua queixa. As autoridades da Espanha soviética provaram, com efeito, uma absoluta falta de actividade em procurar os assassinos.—(D. N. B.).

Censuras aos comunistas franceses

PARIS, 21.—Num artigo consagrado á questão de Espanha, o «Journal» declara que os comunistas obedecendo ás ordens de Moscovo querem explorar o conflito espanhol com o fim de arrastar a França a uma guerra europeia geral, para em seguida ao esfacelamento dos beligerantes realizar o velho sonho de Lenine, ou seja a bolchevização universal. E' esta a razão porque Moscovo explora a fundo o conflito espanhol.—(D. N. B.).

A imprensa francesa perante a situação

PARIS, 21.—A imprensa comenta, em termos geralmente optimistas, os resultados da sessão de ontem do Comité de não-intervenção.

O «Petit Parisien» diz: «Se a adesão de principio dada pela Italia e pela Alemanha se acompanha dum larga espirito de conciliação quando se tratar das questões de ordem prática que suscitará o problema no seu conjunto ha a possibilidade do apaziguamento de ontem ter fecundos resultados.

O «Matin» escreve: «O bom senso triunfou e aparece a boa vontade». O «Journal» diz: «Evitou-se o fracasso definitivo que ontem fazia recelar a

PERPINHÃO, 21.—As divergências entre os governos da Republica espanhola e da Generalidade da Catalunha são notórias e publicas a-pesar dos desmentidos oficiais e obedecem principalmente a duas causas: a politica da ordem publica e a politica economica. E' um facto inegavel que desde que o governo de Valencia se encarregou da ordem publica após a revolta anarquista de principios de Maio ultimo a segurança pessoal é completa na Catalunha. Pode-se circular de dia e de noite pelas cidades e pelos campos com as mesmas garantias de antes da guerra. A comparação desta normalidade com a passada arbitrariedade, enquanto a ordem publica estava a cargo da Generalidade, constitui um exito para o governo de Valencia. Já não se prende arbitrariamente, já não se fazem buscas domiciliarias ordenadas por grupos irresponsaveis, acabaram os attentados e outros abusos. Para chegar a este resultado, o governo de Valencia atacou principalmente a organização anarquista e o partido trotzquista, principais responsáveis pelas perseguições e assassinios perpetrados na Catalunha. Actualmente, a primeira perdeu toda a sua influencia politica e o segundo pode considerar-se liquidado e extinto. A despeito do que possam afirmar alguns dos seus homens, a Generalidade não quis secundar a politica anti-anarquista do governo de Valencia.

A Generalidade, pelo que diz respeito á P. O. U. M., não se opôs á repressão de Valencia, mas outro tanto não succedeu com relação aos anarquistas. Assim, ao passo que o governo da Republica expulsou os anarquistas de todas as organizações governamentais, aqueles ocupam na Catalunha pingues lugares, como nas empresas dos «electricos», das aguas, das minas de potassa, de electricidade e gás, dos espectaculos, etc. Nos municipios catalães e nos organismos acesores do governo da Generalidade ainda se encontram representantes da C. N. T., a organização sindicalista dirigida e controlada pela F. A. I. Esta duplicidade de politica engendra, naturalmente, atritos entre os dois governos. Estas duas tendencias opostas só difficilmente se conciliarão. Por outro lado, os agentes de Valencia na Catalunha não costumam disfarçar em geral a sua má vontade em relação ao governo catalão. Basta este exemplo: o delegado da ordem publica recusa sistematicamente o passaporte a todo o protegido dos dignitarios da Generalidade se não justificar exuberante-

vontade de sabotagem dos soviets. Em seu lugar regista-se uma serie de acellatões italianas, que permitem augurar favoravelmente o futuro». O mesmo jornal acrescenta: «O que nos importa é que os beligerantes dêem garantias sérias a respeito da cessação imediata da occupação das Baleares por forças não espanholas. E' este o unico interesse francês na questão de Espanha».

O «ECHO de Paris» nota que os dois problemas capitais: modo de evacuação e momento em que se conferirão as prerogativas de beligerancia que não estão ainda resolvidos. Exprime, porém, satisfação pela sessão de ontem, declarando: «Até aqui muitos não levavam tão longe a sua esperança».

mente a natureza da sua missão ao estrangeiro. A concessão de passaportes na Catalunha é tão restrita que com efeito só passa a fronteira um numero reduzidissimo de pessoas. E' claro que esta politica desagradada profundamente ao governo catalão, por isso que vê nela o tratamento inferior do cidadão da Catalunha em relação ao do da restante Espanha governamental.

Uma serie de irregularidades escandalosas

No campo economico, Valencia foi restringindo as faculdades da Generalidade. Ou lhe nega divisas estrangeiras, ou só lhas concede com grande parcimonia e fiscaliza a sua conversão. Durante a aliança dos governos catalães com os anarquistas cometeram-se abusos sem conta com as dividas concedidas por Valencia. Estas eram em grande parte distribuidas por empresas e organismos mais ou menos officiais, controlados exclusivamente pelos anarquistas. Numa palavra, dava-se ao dinheiro destino diferente daquele para que fôra pedido. Chegara-se ao cumulo de fazer desaparecer vagões carregados de material de guerra que, em lugar de ir para o Exército, era distribuido aos anarquistas. Carregamentos de viveres só seguiam para certos e determinados sindicatos. Como o governo de Valencia não quisesse ou não pudesse atacar estes abusos de frente, adoptou uma politica relativa ás divisas, rigorosissima, que por vezes vexou o governo de Barcelona.

Ainda ha pouco tempo, a Generalidade esteve sob a ameaça de não poder pagar a certos funcionarios que mantêm no estrangeiro e de não poder fazer frente ao pagamento de mercadorias, viveres e materias primas de que muito necessita. Como consequencia desta politica de Valencia, o governo da Generalidade sente-se diminuido e destituido de certos privilegios que julgava serem-lhe atribuidos pelo estatuto. A noticia da transferencia para Barcelona do governo da Republica era a ameaça de reduzir os poderes da Generalidade. Não parece, pois, duvidoso que quando Companys annunciou que ia demitir-se, teve tudo isto mais em conta do que propriamente as razões legais em que officalmente se baseou. E' quasi certo que esta situação, que dura desde a revolta anarquista, se ha de resolver com a viagem de Companys a Valencia. Resolver-se-á a favor ou contra a Generalidade, mas de maneira que aquela dualidade não prejudique a causa da guerra.—(Havas).

O «Populaire» pergunta igualmente que razões levaram á reviravolta da Italia. «Pressão da Alemanha, desejosa de evitar a rotura?»—escreve. O sentimento em Roma de que a sua intransigencia reforçava o entendimento franco-britânico? ou muito simplesmente o desejo de ganhar tempo para se esperar a queda, agora inevitavel, das Asturias e o desenvolvimento das operações militares nas frentes de Madrid e Aragão?».

A «Action Française», realista, diz: «Assim, é a Russia dos Sovietes que continua a ser o unico país que rejeita tanto o plano britânico de 15 de julho como as propostas francesas de 1 de outubro».

A «Humanité» escreve: «As propostas italianas significam: primeiro: que segundo a vontade do Duce se concederia um novo prazo á Italia; segundo: que segundo a vontade do Duce seria rejeitado o problema da retirada das forças estrangeiras. A unica questão suscitada de futuro, que occuparia o prosenario, seria o reconhecimento da beligerancia ao general Franco. A França e a Inglaterra, aceitando este metodo, trabalhariam contra a paz».—(Havas).

Os jornais italianos estão optimistas

ROMA, 21.—As informações da imprensa italiana acêrca da sessão de ontem da Comissão de Londres confirmam o sentimento de alivio que já se desenhara ontem á noite ao ter-se conhecimento das primeiras noticias. Renasce a confiança no entendimento entre os países cujas teses pareciam irremediavelmente irreconciliaveis, e os jornais felicitam-se por esse motivo. Os jornais não deixam de atribuir o merito do accordo em principio realizado ontem á acção «tenaz e rectilinea» da Italia, mas acentuam que «o essencial nas circunstancias actuais é que se chegue a um entendimento graças á boa vontade de todos».

O «Popolo di Roma» escreve a este respeito: «E' preciso reconhecer que Roma faz o que pode, na medida em que os seus interesses lho permitem, no sentido de impedir que as negociações se frustrem. Fazemos votos—diz—para que ninguém perca o sangue frio». O referido jornal termina o seu artigo dizendo que, se os resultados de ontem não são formalmente definitivos, são, porém, de natureza a inspirar nova confiança».—(Havas).

Reflexões dos jornais de Londres

LONDRES, 21.—«Teria a Italia cedido ás instancias da Grã-Bretanha e da França apenas para ganhar tempo?—preguntam os grandes órgãos ingleses da provincia.

O «Manchester Guardian» manifesta certo cepticismo quanto á questão da retirada dos voluntarios «propriamente ditos» sob a fiscalização de commissões nomeadas pela Comissão de Londres. «Quanto tempo será preciso—observa aquele jornal—para que aquelas commissões se desempenhem da sua tarefa? Uma personalidade—diz o jornal—que os longos trabalhos da Comissão de Londres tornaram um tanto filosofo respondeu ontem nos seguintes termos áquella pergunta: três meses ou o tempo que durar a guerra».

O «Yorkshire Post» diz o valor dos progressos que se esperam depende, com efeito, da attitude da Italia. Levantará ella novas dificuldades quando as commissões tiverem completado as suas investigações—que levarão muito tempo—e quando se tornar necessario definir a palavra «substancial»?—(Havas).

MARINHA DE GUERRA

O sr. almirante Mata e Oliveira, major general da Armada, acompanhado pelo seu ajudante sr. 1.º tenente Sales Henriques, visitou hoje de manhã o contra-torpedeiro «Vouga», onde assistiu a varias demonstrações.

—O torpedeiro «Sado» e alguns submarinos e hidro-aviões efectuaram hoje exercicios combinados ao largo da barra.

MAXIM'S

Hoje: VARIEDADES

pelas artistas internacionais:
HAPPY SISTERS—DUO WELCROM
JESSIPOWA e ESTER TOLEDO

PATISSERIE VERSAILLES

às 5 horas chá

Está boasinha?

Já foi á Casa Ellisio Santos? Olhe que merece vêr o sortido de artigos de estofador que ela tem: Rua Sapatéis n.º 32.

ARCADIA

Hoje: Em pleno exito a orquestra FRED-TRINSCHER, o rei das Valsas Vienenses

20 Numeros de Variedades

2 - ORQUESTRAS - 2

Sabado, 23 - FESTA DA VINDIMA

COMENTARIOS SIMPLES

PAGINA DE QUINTA-FEIRA

por NORBERTO DE ARAUJO

Deu-se nos ultimos anos um facto digno de relevo, na esfera superior da cultura nacional, e da defesa dos elementos dessa cultura, e que por pouco citado ou insufficientemente referido, quero trazer para este canto do jornal.

Estou convencido de que a referencia a este assunto muito sério não prejudica o caracter ameno — e não ha outro remedio senão o da amenidade — destas conversas semanais. E tambem me dou hoje, excepionalmente, o direito de ficar convencido de que a-pesar de não passar de oito os ouvintes-leitores desta Pagina, o que vou escrever terá a sua repercussão.

Tinha já deste assunto — como aliás muita gente que lida com as cousas da cultura — algum conhecimento. Mas neste passo da palestra limito-me a seguir a «crónica», muito official e seca, mas expressiva, do ultimo tomo dos Anais das Bibliotecas e Arquivos, cronica assinada em iniciais, que bastam, pelo sr. dr. Julio Dantas.

O serviço que este alto funcionario dos departamentos superiores da cultura portuguesa prestou ao país é tal, e de tal monta e prudente desenvolvimento, que me posso dispensar de elogiosas apreciações, exaltados encomios pois dos factos naturalmente ressaltam.

* * *

O visconde da Esperança falecido ha poucos anos, José Bernardo de Barahona Fragozo, eborense illustre a muitos titulos, foi um erudito meritorio, com a «paixão do livro e do documento», e possuía a celebre livreria da Manisola, a quatro quilómetros de Evora.

Esta livreria, verdadeiro tesouro, «cimeliario» por extensão de vocabulo lhe chama o erudito Inspector Superior das Bibliotecas e Arquivos, é constituída por incunabulos, livros raros, codices iluminados, manuscritos, que não interessam apenas a Evora, mas ao país inteiro.

Era intenção do bibliofilo visconde da Esperança doar, em vida, aquela riqueza, enriquecida com o valor da colecção, á cidade de Evora. Isto foi ha mais de 23 anos.

A tal ponto aquela intenção era sincera, e indiscutível de facto, que se chegou a preparar a expropriação do edificio do antigo convento dos Loios — conegos seculares de S. João Evangelista, que foram para Evora em 1485 — para adaptação da aludida livreria «Esperança». O proprio visconde fez parte da Comissão (outubro de 1914) encarregada de estudar a expropriação por utilidade publica daquele edificio conventual, propriedade da Casa Cadaval.

Mas José Bernardo de Barahona faleceu.

A doação não se efectivara a tempo! A Camara Municipal de Evora ainda tentou, perante os tribunais, reivindicar o direito á posse do recheio erudito de Manisola.

Perdeu, não tinha nada que saber.

Os legitimos herdeiros da herança eram os legitimos proprietarios da preciosa livreria.

Ia dispersar-se, tambem não tinha nada que saber.

Leilão, hasta, almoeda, fugas para o estrangeiro.

Chegaram a estar concertadas vendas para os Estados Unidos — a cujo Estado ou particulares bibliotecas devia interessar muito a livreria... O certo é que eia possui valor intrinseco artistico, e isso bastava ao negocio.

Intervem, com orientação cautelosa, a Inspeção das Bibliotecas e Arquivos, isto é: o dr. Julio Dantas.

Interessou o governo a estudar a aquisição da livreria aos herdeiros,

e integrá-la na Biblioteca Publica de Evora.

Orientou a politica da cultura no sentido de evitar que aqueles nucleos (ou outros) de livros e manuscritos se dispersassem e fossem parar ás ricas bibliotecas do estrangeiro.

Ora o direito constituído, em materia de bens alienaveis para fora do país, referia-se somente a codices iluminados (fevereiro de 1926, decreto 11.455) e não a manuscritos ou livros (erro que tem permitido a fuga para o estrangeiro de preciosidades bibliograficas, por exemplo, as da colecção Carvalho Monteiro, de Benfica. Fomos lá uma vez e vimos-lhe... o sitio).

Uma proposta de Julio Dantas, projecto do diploma impeditivo da fuga, foi apresentado ao governo e passado a decreto (novembro de 1931): tratou-se de diligencias para adquirir para o Estado a livreria de Manisola, diligencias de que foi encarregado o dr. Lopes da Silva, director da Biblioteca de Evora.

Mas não se chegou a acôrdo quanto ao preço. E o perigo da fuga ou dispersão subsistia.

Para acautelar os interesses do Estado — o que aliás a França faz frequentemente, sem precisar leis especiais ou provocar litigios — foram, ainda por sugestão do inspector das Bibliotecas á Direcção Geral do Ensino Superior e de Belas Artes, notificados os legitimos herdeiros do visconde da Esperança velho, pela Procuradoria Geral da Republica, de que não podiam vender quaisquer especies da livreria famosa sem previo consentimento do Ministerio da Educação.

E o agente do Ministerio Publico de Evora recebeu instruções para facultar ao dr. Lopes da Silva o exame do «Inventario» da livreria, documento aliás tecnicamente imperfeito.

O juiz de direito da Comarca nomeou então aquele Director da Biblioteca de Evora para proceder ao arrolamento — primeiro arrolamento realizado em Portugal depois do decreto de defesa, de Novembro de 1931.

Os trabalhos de arrolamento foram impedidos, logo de inicio por dificuldades burocraticas.

Não havia dinheiro para transportar diariamente de Evora para Manisola, que fica para além da Cartuxa, os funcionarios peritos!

Entretanto, e porque a livreria era já, por diploma legal, «um bloco considerado inalienavel pelo seu valor de colecção» novas propostas, mais largas, de aquisição foram feitas aos herdeiros (junho de 1934). A resposta só veio — ha cousas inacreditaveis — um ano e meio depois (outubro de 1935).

Nada feito; preço alto, condições inaceitaveis.

Mas era preciso arejar a livreria, cujas chaves estavam na posse do juiz, que as não podia entregar sem estar feito o arrolamento.

E como fazê-lo se não havia meio de condução para os funcionarios peritos, dr. Lopes da Silva e dr. Carlota Gil Pereira?

(Aqui cabe estranhar que não houvesse em Evora erudita e abastada um «aficionado» que dispusesse de um automovel).

Mas acabou-se; foi um proprio herdeiro, sr. João Eugenio Côrtes Palm dos Reis, co-proprietario da Manisola, quem pôs o automovel ás ordens.

E o arrolamento começou em 9 de maio de 1936 e ficou concluído em 25 de julho.

Em junho, o sr. ministro da Educação Nacional concordava com a doutrina interpretativa da legislação vigente, definida em normas e preceitos, apresentada pelo dr. Julio Dantas, inspector superior das Bibliotecas e Arquivos.

Em síntese: a livreria é considerada nucleo bibliografico que se recomenda não apenas pelo valor dos seus cimelios mas pelo seu valor de colecção; os herdeiros não podem alienar a livreria, ou parte, sem notificarem o Estado, a fim de que este torne efectivo o direito de preferencia na compra; desde que não se chegue a acôrdo no preço da aquisição em bloco, ou não convier ao Estado usar do direito de opção, os herdeiros podem vender em Portugal ou no estrangeiro, mas, neste ultimo caso, com rigorosa exclusão das especies consideradas patrimonio nacional; são consideradas de patrimonio nacional, alienavel, para os efeitos da legislação — exportação prohibida:

Manuscritos; iluminados; incunabulos portugueses; especies xilograficas e pateotipicas estrangeiras; cartularios e codices; papeis e pergaminhos de interesse diplomatico, paleografico e historico; livros e folhetos considerados raros.

E assim se salvou, ou salva, pelo menos em principio, a riqueza cultural, bibliografica, artistica e documental da Manisola.

E que se pode supôr que é a livreria e «cimeliario» (arrevizado neologismo, aliás de fundamento etimologico puro) da Manisola?

Cerca de 20.000 volumes, com catalogo geral manuscrito, em verbetes, das obras impressas, e inventario impresso dos manuscritos.

Reconheceu-se que quasi todo o recheio devia ser arrolado, do que se contem em varios corpos de estantes, na Biblioteca, na casa do catalogo e numa saleta chamada eruditamente «cubiculum» (a maneira das divisões da biblioteca de Petronio).

E as especies principais arroladas são:

859 obras impressas raras; 56 incunabulos entre elas; 13 edições monumentais; 596 codices compreendendo especies iluminadas.

Isto é: o melhor da colecção Manisola, no total de 1.468 peças.

Resta assinalar que alguns herdeiros do visconde da Esperança, velho, são dignos de elogio pela elevada compreensão que tiveram daquele acto legal.

Resta-me, a mim, pedir perdão, aos leitores habituais pela exigencia da atenção que deram a este retalho de conversa, aparentemente fastidiosa.

E resta-nos, a mim e a vocês amigos, esperar de boa fé, depois de tantos trabalhos e «lança em Africa», a colecção não acabe ainda afinal por se perder para o Estado por falta de verba.

* * *

Portugal não se pode considerar um país excepcionalmente rico em fundos eruditos e em documental, em materias de investigação e em fonte culturais. Sobretudo se considerarmos o seu passado, as circunstancias em que se criou e desenvolveu a nacionalidade, a evolução juridica e social, a grandeza de certos periodos historicos universalistas, como o da Renascença, e a projecção dos Descobrimientos.

Neste capitulo, a Espanha, por soberbamente mais vasta de passado — de muitos «passados» — levamos excelsa vantagem.

Esta, porém, longe de ser um país pobre de arquivos, embora em muitos aspectos seja deficitario, acumula por esse Portugal fora muitos valores bibliograficos, representados em algumas centenas de milhar de especies valiosas.

Uma cousa, porém, é o livro que ensina, outra cousa o documento, impresso ou manuscrito, que revela.

A historia-ciencia é em parte feita por documentos de Espanha,

Livrarias e patrimónios

ou que se guardam em Espanha.

O terramoto, em Lisboa, fez estragos consideraveis nas bibliotecas, livrerias, cartorios e arquivos, pelos incendios que foram a devastação maxima do sismo de 1755.

Escapou, porém, a Torre do Tombo do Castelo de Lisboa, e este «milagre» permite-nos a continuação de estudos sérios e a investigação e revisão dos factos.

As casas particulares nobres e os conventos, alguns palacios — e os reais ardeam — possuíam fundos livrescos incalculaveis.

O que se salvou foi, porém, alguma cousa. O recheio das casas mosteirais, nem de todo valioso, é no seu conjunto — hoje recolhido e inventariado — sufficientemente apreciavel.

E, porém, nas casas solarengas da provincia, nas bibliotecas privadas, livrerias mal percorridas, nos arquivos de caixote de familia, que se topam manuscritos, papeis, cartas, todo um material esparso interessantissimo.

Por desgraça, nem sempre esse fundo — onde ha que distinguir o trigo do joio — está em posse de pessoas dadas a letras, embora com orgulho o guardem, quasi avaramente, dos olhos dos estudiosos.

E estes, quando descobrem um documento, isolado sempre, desconhecido, solto, e por isso bastas vezes confuso, o menos que fazem dele — é um livro «novo», a base de um revisionismo que peca por parcial e insufficiente.

Se não me assiste autoridade especial sobra-me o direito de aventar que se podia fazer — será inquecível? — um inventario geral das casas e cartorios, arquivos e livrerias, não integradas no Estado, e que possuem documental e patrimonial, mais do que especies acumuladas, ricas ou não de forma e de exterior.

A verdade é que tudo quanto aparece a fazer luz — é por surpresa.

E' por acaso.

As riquezas privadas tornam-se, depois, posse do particular que as encontrou, e quantas vezes esse particular — que guarda segredo como se tivesse descoberto uma mina de ouro — é incompetente, insufficiente, suspeito ou mesmo ignaro.

Está por fazer a apreciação — eu já não escrevo o elogio — da obra das Bibliotecas e Arquivos de 1911 para cá.

E é formidavel! Como são merecedores do maior reconhecimento publico esses quasi ignorados bibliotecarios, ascetas do livro e do documento, metidos nessas pequenas ou grandes bibliotecas publicas e municipais por Portugal fora, do Minho ao Algarve.

Se a Biblioteca Nacional recolheu grande numero de livrerias, após selecção, e se a Inspeção das Bibliotecas e Arquivos orientou aquilo que chamo a sua «politica de cultura» num sentido proveitoso e estimulante — o que escapou á lufa criteriosa do Estado por casas particulares e ainda em cartorios por arejar é muitissimo.

Não advogamos a «cultura dirigida», e muito menos sugerimos o manifesto das preciosidades ou mediocridades acumuladas, occultas e por inventariar.

Mas uma medida que se aproxime daqueles expedientes, sem aspecto odioso nem violencias.

A obra — o objecto — é um valor de propriedade privada; a instituição da Conservatoria é direito que assiste ao Estado.

A ciencia oculta tornar-se-lia acessivel; o saber e a sua possibilidade não se tornaria privilegio de raros apenas e quantas vezes — de nenhum.

Mas é tempo de pôr um ponto final e de fechar o *cubiculum*.

Não acham?

NORBERTO DE ARAUJO

Quando Roosevelt fala...



É' diante duma verdadeira floresta de microfones, que levam a sua palavra aos quatro cantos da feredação americana, que o presidente Roosevelt pronuncia os seus discursos. Vêmo-lo nesta gravura por ocasião da sua ultima alocução a proposito do actual momento internacional

A maior revista literária de língua portuguesa **REVISTA DE PORTUGAL**

Director: VITORINO NEMÉSIO
Secretário: ALBERTO DE SERPA

Inéditos de HERCULANO e MÁRIO DE SÁ CARNEIRO

Poemas, teatro, novelas e ensaios de JORGE DE LIMA, ANTÓNIO SÉRGIO JOSÉ RÉGIO, CASAIS MONTEIRO, JOÃO GASPAR SIMÕES, MIGUEL TORGA, CARLOS QUEIROZ e outros

Próxima colaboração de EUGÉNIO DE CASTRO, AQUILINO RIBEIRO, AFONSO LOPES VIEIRA, TEIXEIRA DE PASCOAIS e outros.

Pedidos a: **Rua do Almada, 28, 2.º - PORTO**



OLY

Por muito bom que seja o pó de arroz, ele não se poderá fixar nem aveludar o rosto se a pele fór oleosa, inconveniente esse que acarreta defeitos proprios destas peles, como poros abertos, pontos negros, espinhas, etc.

Os defeitos provenientes das secreções glandulares da epiderme levou a ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA a criar produtos, acreditados hoje, pelos bons resultados obtidos. A sua pele normalizar-se-ha sem ter que evitar o emprego de produtos de beleza.

Basta para isso tratar-se com produtos OLY e usar na ordem natural da toilette diaria o LEITE OLY que rejuvenesce, evita sardas e limpa os poros; aplicar o ROUGE e o CREME OLY especiais para estas peles e finalizar pelo PÓ D'ARROZ OLY que manterá a superficie da pele as suas benéficas qualidades. A sua pele regressará assim ao normal.

Academia Scientifica de Belleza
Lisboa — Av. da Liberdade, 35 — Telef. 21866

NAO CONFUNDIR



A UNICA BOQUILHA EFICAZ!

Repr. Victor Chaskelmann & C.
Rua da Palma, 268—Lisboa



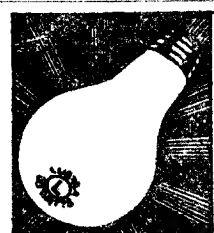
E esta?!...

Eu não disse a V. Ex.ª?!... Aqui têm a prova clara tirada em flagrante... da alegria que dele se apoderou e do reconhecimento que vota a sua esposa, por ela o ter desviado da «Sociedade dos Incorrigíveis Bebedores» e o ter feito entrar na «Legião dos Bebedores do Café d'A Mariazinha», fazendo-lhe apreciar tão deliciosa bebida.

Agora... só pensa no seu «Anjo» e no café d'A Mariazinha.

Amanhã recapitularemos as passagens desta vida... familiar.

E ele dirá duas palavras de justiça para sua esposa. Até amanhã.



A MELHOR LÂMPADA

Uma lâmpada para ser boa deve produzir um máximo de luz com um mínimo de consumo de corrente e durar, em média, 1.000 horas. As lâmpadas LUSTRA satisfazem plenamente a estas condições. Prefira-as.

Distribuidores:

António José Fernandes, L.ª

44, Rua dos Remolares, 48 — LISBOA

IMPRESSÕES DE ARTE

Paris, a Cidade-Luz e a sua Exposição Internacional

PARIS, outubro—É' necessario permanecer algum tempo nesta metropole para que o espirito, prisioneiro das multiplas e intensas impressões dos primeiros dias, possa libertar-se e reproduzir a emoção causada por Paris.

Pode afirmar-se, logo de começo, que a fama de que disfruta, como emporio de arte e beleza, se deve ao facto de oferecer satisfação a todos os gostos, realizando desde os grosseiros caprichos materiais até aos mais refinados anseios do espirito.

Os que chegam a esta cidade com o unico prurido de gosar todos os prazeres, de se aturdir no estrépito jubiloso dos «cabarets», de se chegar com o brilho deslumbrante da vida parisiense, divinamente frivola e simultaneamente feiticeira, não encontrarão seguramente, em parte alguma, o bulício e o deleite de Paris, com os seus tipicos cafés cantantes, com o incentivo das noites boémias e pecaadoras de Montmartre e Montparnasse,

tocou na infausta noite de S. Bartolomeu para a matança de huguenotes com que Catarina de Médicis, dominando a debil vontade de Carlos IX quis exterminar o sangue de Collygny e dos seus, cabeças do protestantismo em França.

E junto às igrejas surgem os palácios, os jardins que estendem por toda a parte os seus tapetes de verdura; as fontes, espalhadas prodigamente pela cidade, são, algumas delas, obras-primas que realçam a beleza dos edificios junto dos quais se encontram, ou põem uma nota de brancura diafana na verdura dos parques; as estatuas de marmore ou de bronze, entre as quais se contam milagres subtis de boa joalharia, eternizando a memoria dos reis, dos chefes, dos militares, dos sábios, dos artistas, dos poetas, dos filantropos e de todos aqueles que trabalharam pela grandesa da França.

Paris é um prodigioso estojo de Historia, e os arcos de triunfo de Saint-Denis e Saint Martin perpetuam a



Um aspecto do Pavilhão de Arte Moderna

com as revistas do Mayol, do Casino de Paris, das Folies Bergères e do Moulin Rouge, onde o nu feminino triunfa esplendorosamente num refinamento sádico; com as suas mulheres elegantes e «cocottes» que estremece a finura da sua carne sob a sêda elegante dos vestidos; com os seus salões onde se prodigaliza luz, se baila freneticamente, se vive com intensidade maxima o prazer efemero, e sem a preocupação do dia de amanhã. Mas Paris tambem satisfaz aquele para quem o prazer dos sentidos não é tudo, e busca uma impressão mais nobre, um gozo espiritual, uma nota de arte, uma evocação historica que traga á mente o brilho duma época, o fausto duma corte, a grandesa duma epopeia, o misticismo duma centuria, as angustias dum povo, a intensidade do sentimento patriótico.

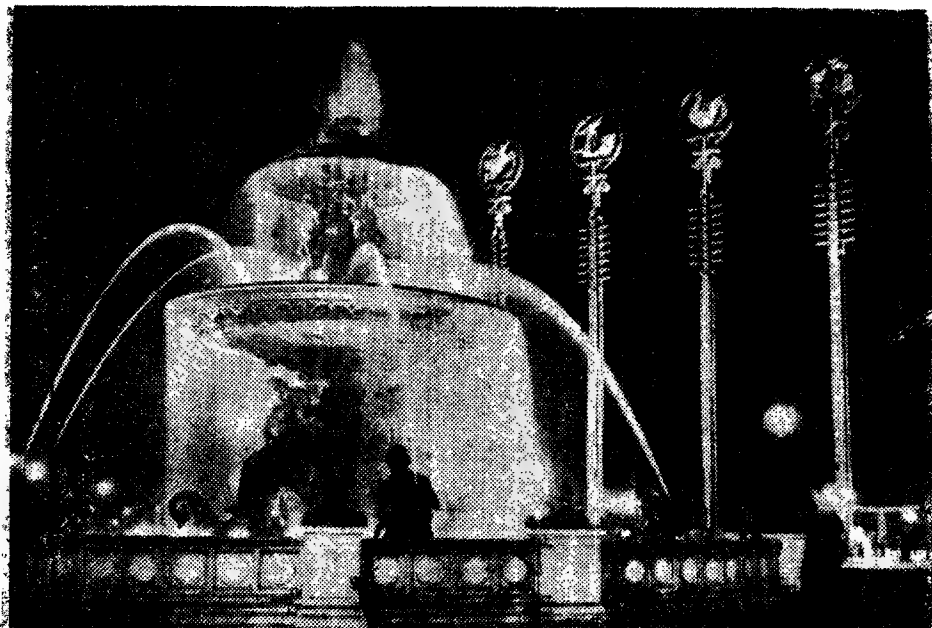
Paris tem ido acumulando os seus tesouros no curso de varias centurias. As suas igrejas, pouco a pouco, na sombra medieval, foram estendendo até ao céu as suas agudas flechas de pedra. «Saint-Germain des Prés», o templo mais antigo da cidade, apresenta maciço da arquitectura romana.

«Notre Dame» simbolisa o esforço catolico dos seculos e ostenta as filigranas da arte gótica. Santa Cecilia é o relicario magnifico, a maravilha architectonica, singular, com que a piedade de S. Luiz erigiu esse templo para nele guardar uma particula da Cruz. «Saint-Germain Auxerrois», apesar das modificações transcendentes que nos ultimos tempos destruíram a sua primitiva harmonia e unidade de estilo, é mais conhecido e popular por possuir na sua torre o sino historico que, em 24 de agosto de 1572,

gloria dos exercitos do Rei-Sol: O pesado conjunto de edificios que constituem actualmente o Louvre resplende faanhas dos monarcas franceses: A praça da Concordia, rodeada de magnificas construções, e tendo no cos-



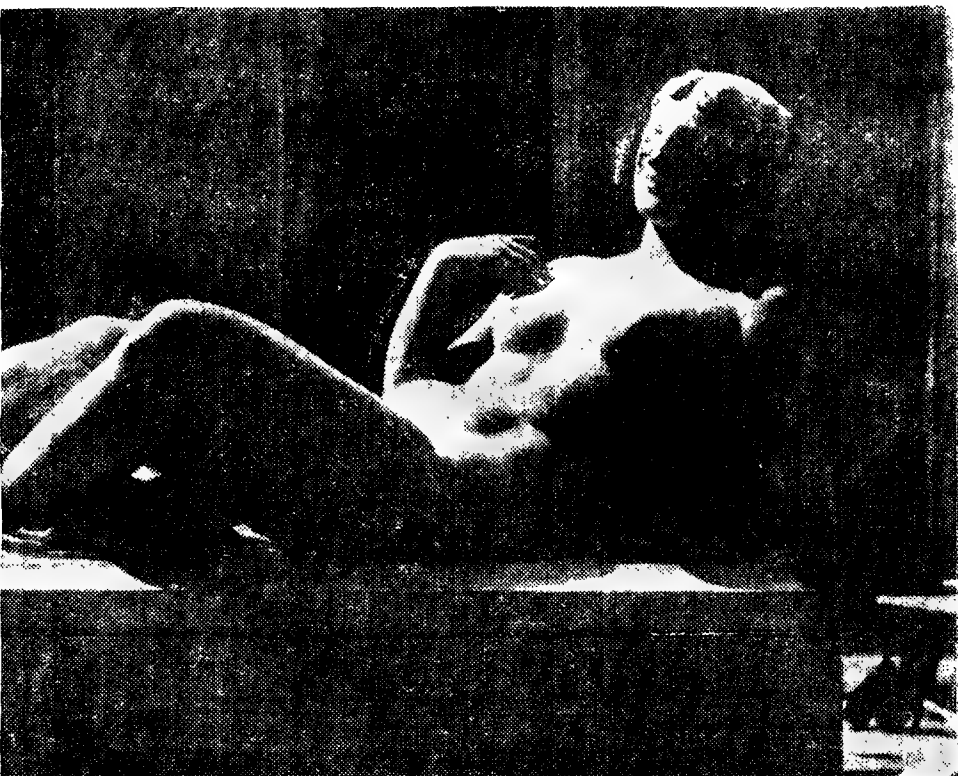
Uma escultura que se encontra e



Fonte luminosa na Exposição de Paris

tado a soberba architectura grega da Madalena, ostenta no centro, como joia exótica, o imenso obelisco egipcio, transplantado de Luxor e levantado em 25 de outubro de 1836 na presença do rei Luiz Filipe, obelisco que, apesar da linguagem misteriosa das suas inscrições milenarias, não fala ao forasteiro com o mesmo dramatismo que o recinto onde se levantou o cadafalso onde rolaram, ensanguentadas, ante o assombro e a consternação da Europa, as cabeças regias de Luiz XVI e de Maria Antonieta e mais três mil ceifadas pela insaciável guilhotina.

Mas, Paris é, sobretudo, o monumento vivo da epopeia napoleônica. No centro da cidade, a coluna Vendôme levanta os seus grossos anéis de bronze, fundidos com os canhões arrebatados pelo génio de Bonaparte aos exercitos dos quatro pontos cardiais da Europa; e a efigie do vencedor de Austerlitz, revestida das insignias dos Cesares romanos, domina a vasta extensão da metropole e das margens do Sena. Frente á praça da Concordia e ligado a esta pela larga arteria, dos Campos Eliseos, ergue-se o monumento maximo de Paris: o Arco do Triunfo da Estrela, e cada uma das suas pedras recorda uma façanha, evoca uma vitória: Montebello, Lodi, Castiglione, Rivoli, Arcole e outros cem nomes falam da prodigiosa campanha de Italia, onde primeiro se revelou em toda a sua admiravel pujança o génio militar do «Petit Caporal»; Marengo, Austerlitz, Friedland, Yena, Ulm, Wagram, recordam a culminancia do poderio imperial; Eylau desperta no animo a visão da catastrofe da «Grande Armée» que invadiu a Russia e regressou convertida num espectro, preludio do acaso napoleónico; Saragoça, Gerona e outros nomes gloriosos de praças ibericas, trazem á mente a legendaria resistencia da Espanha.



posta no atrio do Museu das Artes Modernas da Exposição Internacional

Paris é um conjunto admiravel de edificios e um monumento imorredouro da Historia. Os grandes «boulevards», as espaçosas avenidas, os rissonhos jardins, os palacios ennegrecidos pelos seculos, as estatuas que evocam as glorias dos homens, os campanarios graciosos coroados de torres altissimas, renda da pedra que decora maravilhosamente os porticos das igrejas; as finas agulhas que pretendem cravar-se na imensidade dos ceus; os museus que encerram os tesouros artisticos de mais valia nas diversas épocas da civilização, desde os tempos quasi pré-historicos aos modernos, diminuidas na comparação as obras-primas do passado: as abobodas dos edificios consagrados ás varias manifestações da ciencia; o bronze dos monumentos, o marmore das lapides, as cupulas dos templos, tudo forma esse Paris cheio de vida, atraente ao espirito e propicio á satisfação dos sentidos; esse Paris que se tem desenvolvido lentamente mas magnificamente, sulcado pela cintura prateada do Sena; esse Paris que surge como Cidade-Luz, como o emporio do progresso, como o centro da cultura, como fonte severa de beleza e elegancia, urbe que tem, para todos que a ela chegam, atracção imponderavel e unica.

E foi esse Paris que prometeu este ano ao mundo civilizado apresentar-lhe a exposição mais fantastica, como sonho de fadas, prometendo até exceder-se a si mesma.

E esta grandiosa manifestação mundial, a mais bela, a mais importante do mundo, a Exposição Internacional das Artes e das Tecnicas, simbolisa hoje ante os olhos maravilhados do universo, a França das cinco partes do mundo e todo o génio francês.

MIGUEL GHEORGHIN

AS FESTAS DA CIDADE

O grande cortejo vindimario

que se realiza na proxima segunda-feira

e o Concurso do Cacho Doirado no Coliseu

A II Festa Vindimaria Oficial de Lisboa, com o concurso da provincia, realiza-se, como temos dito, na proxima segunda feira, 25, dia de feriado municipal.

Compõe-se de dois espectaculos que constituem a Festa:

A's 14 horas, na Avenida (descendo e subindo) «Cortejo folclorico», com 14 ranchos, outras tantas filarmônicas, e 1.500 figuras representativas da região. E' a disputa do «Cacho Dourado» pois os ranchos exibem ante a presidencia e no trajecto as suas canções, descantes, bailados e bizzaria indumentaria. Cada rancho traz a sua «Flor», a mais linda rapariga da região.

A' noite, no Coliseu dos Recreios, a preços populares, serão folclorico e continuação do Concurso, com três horas de canções de todo o país e extraordinario brilhantismo ethnografico. Confirmação da rainha eleita, sua coroação. Proclamação dos ranchos vencedores.

Os ranchos, que por esse país fora ensaiam denodadamente — e todos vêm dispostos a arrebatar os premios em dinheiro que somam 37 contos! — são do Douro, do Dão, da Bairrada, dos vinhos verdes, do Ribatejo, da Estremadura, de Colares, de Setubal e Palmela (moscateis), do termo de Lisboa, e nomeadamente de Alenquer, do Cartaxo, de Barcelos, de Vil de Moinhos, da Figueira, de Cantanhede, da Barquinha, de Barqueiros, etc.

Pode imaginar-se o curioso do conjunto, o variado dos repertorios, o pitoresco dos costumes, a alegria saudavel, o caracter artistico espontaneo das canções, a graça instintiva dos bailados — o significado folclorico da bella Festa Vindimaria da proxima segunda-feira.

A organização é official do Ministerio da Agricultura, com a cooperação dos outros Ministerios, Camara Municipal de Lisboa, camaras regionais, Centro de Estudos do Vinho e da Uva, Emisora Nacional e Junta Nacional do Vinho.

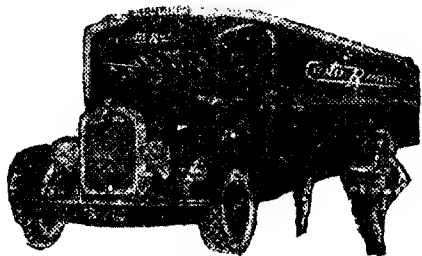
TEZ DUMA NOVA E SURPREENDENTE BELÊSA Em 3 Dias

**caso contrário não
pagará um centavo**



Gostaria de se desembaraçar das rugas e parecer alguns anos mais nova? Deseja uma pele fresca, clara, branca e uma tez de rapariga? Se deseja, experimente, sob nossa responsabilidade, este simples tratamento de beleza, que pode fazer em casa. Todas as noites, antes de se deitar, aplique o Creme Tokalon, Cór de Rosa. Este contém o «Blocel», novo alimento vital das células, obtido de animais novos cuidadosamente seleccionados —surpreendente descoberta do Professor dr. Stejskal, da Universidade de Viena. Ele nutre e rejuvenesce a pele durante o sono. Na manhã seguinte, á primeira aplicação, constatará quanto a sua pele se tornou fresca e clara. No decorrer de experiencias feitas nos hospitais em senhoras de 60 a 70 anos, as rugas foram completamente suprimidas em seis semanas (veja o relatório completo no Jornal Médico de Viena). Para de dia, empregue o Creme Tokalon, Cór Branca (não gorduroso), que contém o creme fresco e azeite predigeridos. Estes infiltram-se nos poros e trazem á superfície as impurezas depositadas profundamente, onde o sabão e a agua não conseguem chegar. Os pontos negros desaparecem rapidamente. Outros preciosos elementos branqueantes e tónicos do Creme Tokalon, recham os poros dilatados, tornam, em três dias, branca macia e aveludada a pele mais escura e a mais seca. Garantimos um rosto fresco e fascinante de rapariga, mesmo ás senhoras de 40 e 50 anos. Compre, hoje mesmo, um tubo ou um bolão de Creme Tokalon. Alimento para a pele. Empregue-os como foi indicado, durante pelo menos três dias. Se não ficar satisfetissima com os resultados, restituimos, sem formalidades, o dinheiro do custo.

A' venda em todas as perfumarias e boas casas do ramo. Não encontrando, escreva para o Deposito Tokalon—88, Rua da Assunção, Lisboa— que atende na volta do correio.



TRANSPORTES COSTA RAMOS

Domicílio a Domicílio

Unico concessionario da carreira entre Lisboa e Porto. Transportes para todo o país. Carros especiais para mobilias.

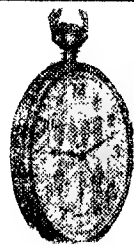
Porto

Lisboa

R. Guerra Junqueiro, 7 R. S. Julião, 34, 36

Telef. 1854

Telef. 2 7200



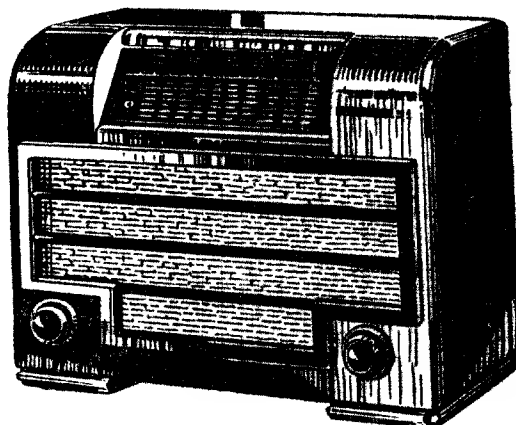
LONGINES

Sempre na vanguarda das boas marcas

10 GRANDS PRIX



..... como
se os artistas estivessem
realmente presentes!

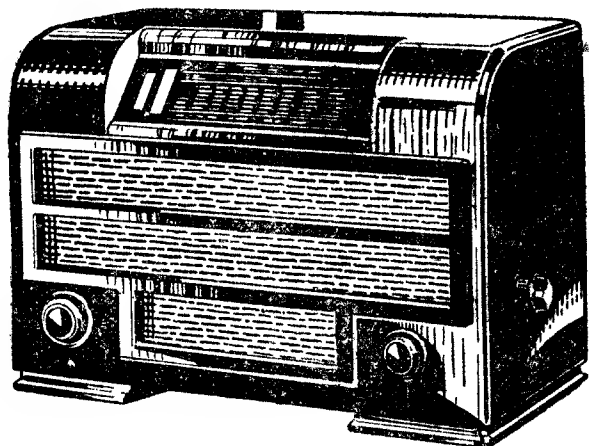


"Meridian 38"

Corrente alterna

Esc. 2.600\$00

Todas as ondas

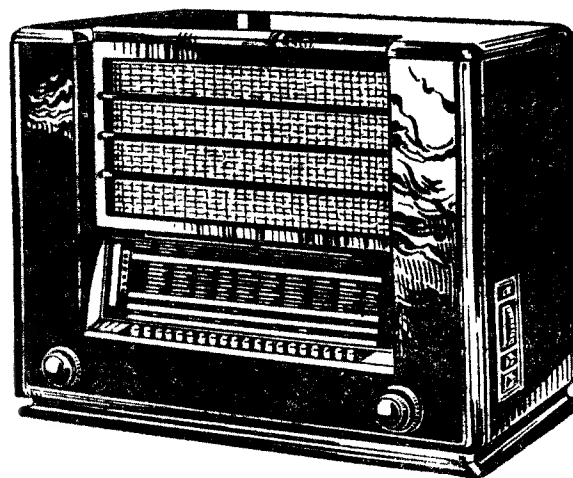


"Transmare 38"

Corrente alterna

Esc. 6.800\$00

Super-heterodino
ultra-potente
de grande luxo,
com 12 válvulas
e sintonização
automática



«SUPRA-SELECTOR 38»

Corrente alterna... Esc. 3.650\$00

Todas as correntes > 3.800\$00

Schütte & C^o., L^{da}, Lisboa

Praça Luiz de Camões, 36, 2.^o

Telefone 21945

KÖRTING-RADIO 1938
ALTA FIDELIDADE MUSICAL



Não mate!!!

Defenda-se com uma pistola

E. M. G. E.

A única pistola de alarme que se confunde
com a verdadeira.

De absoluta confiança e a mais barata.

Isenta de todas as licenças.

Chegou nova remessa.

Descontos aos revendedores.

Pedidos a

Casa A. M. Silva

R. Betesga, 67

Telefone 25424

LISBOA

Secretaria Judicial da 4.^a Vara de Lisboa

ANUNCIO

Pela Comissão de Assistência Judiciária junto da 4.^a Vara da comarca de Lisboa, cartório da 2.^a secção, pendem seus termos uns autos de petição para concessão do benefício da Assistência Judiciária, em que é requerente Dayna Saragga Nobre Biscaya, e requerido Manuel Ferreira Caro Quintiliano, morador na rua dos Escudeiros, n.º 5, em Beja, e nesses mesmos autos correm editos de 30 dias, a contar da 2.^a publicação deste anúncio, intimando o requerido para, no prazo de 5 dias, findo o dos editos, impugnar, querendo, o referido pedido de assistência, que a mesma requerente, pretende obter, a fim de propor contra o requerido uma acção de divórcio litigioso, com fundamentos nos n.ºs 2.º e 4.º do art. 4.º do decreto lei de 3 de Novembro de 1910.

Lisboa, 24 de Julho de 1937.

O Chefe da Secção:

Americo d'Almeida Carmo e Cunha

Verifiquei a exactidão

O Presidente:

Calado

**A menina Maria
é supersticiosa**

Ela afirma que
um espirro significa desgosto
dois espirros significam alegria
tres espirros significam novidade.

E você?

Você pensa como eu, que com os
espirros se espalham bacterias causa-
doras de contágios e que é tempo de
tomar pastilhas de Panflavina.

As pastilhas de

Panflavina

evitam os contagios, as inflamações
de garganta e as constipações.

**A caixa de 30 pastilhas vende-se em
qualquer farmacia por Esc. 13\$00**



TEM TOSSE?

Tome chá

SEIVA PINHEIRO MANSO

Vende

Perola S. Domingos

Rua Correeiros, 331



PARTEIRA
ESPECIALIZADA

R. Augusta, 275, 4.^o Telef. 2 9607

Partos, tratamentos. Consultas gratis

BASILISA PEDROSA

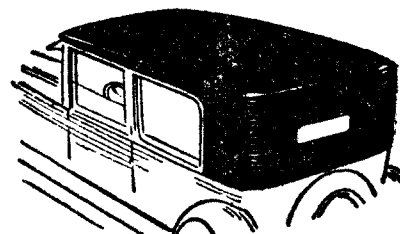
A sua unica
propaganda
são os seus
efeitos
A' venda
em toda
a parte.

PELVE

REGISTADO

LOÇÃO

PARA EVITAR
A QUEDA DO CABELO
CARLOS MARTINS
LISBOA



DU PONT
FABRIKOID

O MELHOR MATERIAL,
MANUFACTURADO
PELOS FABRICANTES DO

QUCO

para estofos, capotas e
decorações.

Venda por grosso e a retalho:

BETHENCOURT BROS. LTD.

Rua Aurea, 132-138 — LISBOA

SORIA, LTD.

Rua Sá da Bandeira, 214-216 — PORTO

Quer a sorte grande?
Habitte-se na tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115

Diário de Lisboa

Suplemento literário

DIRECTOR: JOAQUIM MANSO—PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA

Redacção, Composição e Impressão: Rua Luz Soriano, 44, LISBOA - Telefone 20271

Ramalho Ortigão e a culinária

por Albino Forjaz de Sampaio

Ramalho Ortigão, os senhores sabem!, não é só o autor de *A Holanda*, de *O culto da arte em Portugal*, e das *Farpas*; é também o fino gourmet, o vulgarizador das batatas empoladas e outros piteus. E' ver como nas *Farpas* ele nos fala do dia de Natal.

«As salsichas, os restaurantes, as pastelarias, ostentam em exposição os seus produtos mais apetitosos: os grandes porcos, de couro nitidamente barbeado, suspensos do tecto com a cabeça para baixo; as salsichas e os chouriços de sangue pendentes em bandolim; as cabeças de vitela, de uma palidez límpida, rodeadas de agriões; os perus gordos como ventres de conegos, com o papo recheado pela respectiva cabidela; as galantines marmoreadas; as loursas perdizes postas em pirâmides; as costeletas; as geléas de reflexos d'ôr de topázios; as verduras de salsa picada; os grossos molhos opulentos dos espargos; os bolos do Natal: os fartes, os sonhos, os morgados, as filhós, as queijadas, as *christmas-kacks*, os *pudings*, os *bombons glacés*».

E depois em *O Natal minhoto* a descrição saboreada:

«E o nordeste assobiava pelas figas das janelas, ouvia-se ao longe bramir o mar ou zoar a carvalheira, enquanto da cozinha, onde ardia no lar a grande fogueira, chegava num respeito tepido o aroma do vinho quente fervido com mel, com passas de Alicante e com canela.

Finalmente o bacalhau guisado, como a *brandade* da Provença, dava a ultima fervura, as frituras de abobora menina, as rabanadas, as *orelhas de abade* tinham saído da frigideira e acabavam de ser empilhadas em pirâmide nas travessas grandes».

Não pode sentir assim o Natal quem não seja um gourmet, ou á portuguesa quem não seja um gastrônomo.

O elogio da comida portuguesa devotadamente feito aparece-nos no capítulo *Caldas da Rainha*. Os bons espiritos encontram-se: *Fialho* é também pela cozinha nacional como vimos. Ouçamos Ramalho:

«Na antiga e honrada hospedaria do Moreira, no Cercal, a meio caminho das Caldas, servem, por encomenda, ás duas horas da tarde o melhor desses simples e succulentos jantares portugueses cuja tradição tanto se tem obliterado pela importação imprudente de vis e apelintrados *menus* de Paris, compostos dos mais gloriosos nomes da historia de França, tão imprudentemente adaptados á cozinha portuguesa por um dos mais lastimáveis efeitos do livre-cambismo aplicado á culinária.

O restaurante do Cercal é talvez o unico em todo o país que ainda conserva inviolável o segredo glorioso da nossa antiga canja de galinha—criação de arte composita, como podemos chamar ao estilo manuelino, e, como ele, derivada da inspiração asiática trazida da Índia pelos nossos descobridores e combinada no velho mundo pelos nossos artifices com a tradição gotica do presunto de fumeiro e do paio de lombo com colorau.

A canja portuguesa, ou antes, infelizmente —para que o digamos com mais exactidão geográfica— a canja do Cercal, é para a nossa cozinha um puro monumento historico, tão importante no seu genero como a custodia de Gil Vicente, ou como a biblia dos Jeronimos. Não ha remedio para a conhecer senão fazer uma viagem de cinco leguas em caleça por uma esburacada e poeirenta estrada velha, como para ver a Batalha. Mas vale a pena».

Ainda se conhece a tendencia culinária de Ramalho na descrição da cozinha de Alcobaça, que é bom registar-se porque, para o nosso caso, é bem interessante.

«A cozinha, verdadeiramente monumental é de uma altura catedralica, em aboboda, forrada de tejos brancos esmaltados, e medindo perto de trinta metros de comprimento. A chaminé, colocada ao centro da casa sobre colu-

nas de ferro, é de tais dimensões, que permitia assar no espeto a um tempo, sobre o lar que ela cobre, seis ou oito bois. Em roda estão os fornos e oito tanques de marmore, servidos de agua por grossas torneiras de bronze. A um topo vê-se a abertura em que deveria ter girado a grande roda destinada a passar as comidas para o refeitório. Do lado oposto, numa vasta bacia de marmore, cavada no solo como uma grande piscina, corre um braço do Alcoa».

Ramalho e Eça completavam-se. Do odio ao afrancesado *menu*, e em defesa da cozinha portuguesa, irmanavam-se. E assim é que ele se refere a Eça:

«O meu amigo Eça de Queiroz, que tem andado comigo, com uma maleta, e com uma resma de papel, a procurar pelo reino um sitio limpo de maçadores, de moscas e de *cozinhos afrancesados*—o italico é nosso.

Eça também era pela cozinha portuguesa. Mas isso é para outro capitulo.

Ramalho tem mesmo uma simpatia particular pelas imagens da culinária. Querendo falar do velho *Comercio do Porto* diz: «Não se admittiam direitos alguns á intervenção da fantasia na arte de escrever. A prosa nesta folha era aplicada segundo as mesmas regras com que se applica a manteiga a uma fatia de pão! Ponha e achate!».

Quando trata nas *Farpas* de *A religião e a Arte* a sua pena compraz-se na evocação das belas coisas de comer com a volupia não de um D. João evocando as suas queridas—porque D. João era um *blasé* mas com a perfeita sensualidade de um gastrônomo completo. Refere-se á festa do Natal.

«Pela manhã os cangalheiros trazem mais peçados os seus cabezas suspensos no ombro aos dois extremos de uma vara, ou os caixões das suas garranas peludas e escadeiradas, de cujas cargas os ramos festivos das violetas, envoltos de couve e atados em palha, sobressaem das mãos de nabos, dos molhos das cenouras d'ôr de ouro, das verduras de salada, das espumas da couve-flor e dos feixes das beterrabas escuras arranhadas em laivos de um vermelho de sangue vivo».

As confeitarias exibem toda a sua colecção

completa de doces de ovos: as queijadas, os *morgados*, os *fartos* e as lampreias espapadas, de grandes olhos de ginja e de linguas de cidrão saindo para fora de bocas de caramelo e de chocolate.

Torrentes de ovos de fio brotam de rochedos de nogada, cobertos de «chalets» de massa, sobre tanques de torção de Alicante, em que se abeberam pombas de rebugado e boisinhos de pão de ló e entranhas de creme.

Nas grandes mercearias galos de figo, malhados de amendoas, estendem o seu bico discreto, de pinhão, para os bamdolins de chouriços de Arraiolos ennastrados de louro. Bocetas abertas patenteiam através da trabalhosa renda de papel os discos compactos da laranja recheada de Setubal e da ameixa de Elvas coberta de açúcar e marchetada de destrelas de fio de prata. Novas bolachas denotadas *Antonio Maria* representam em massa de biscotto de agua e sal as cabeças de todos os personagens celebres da politica contemporanea. Caixas de figos do Algarve, bordadas a pita, barrilinhos de azeitonas de Sevilha e latas esmaltadas de sardinhas de Nantes, de *corne-beef* americano, de atum de Marselha e de *foie gras* de Strasbourg preenchem o quadro no primeiro plano das montres. Na prateleira de cima cintilam na transparencia da luz os potes das geléas e das conservas de legumes, os bolões das compotas; frjfo4anoZbsucqi taoioi brancas, verdes, azues, amarelas, dos diferentes xaropes e dos varios licores ecclesiasticos da Cartucha, do padre Kermann, dos Benedictinos, etc., e nos bojos reluzentes das vasilhas graves etiquetas sacerdotais retratam velhos monges de grandes barbas meditando no meio de retortas, de livros e de caveiras, sobre os seus fundos de aguardante detodas as côres. Ao lado dos rotulos ascetas das bebidas espirituosas, os rotulos profanos dos molhos ingleses, em que gordos nababos d'ôr de fogo riem nos seus bigodes brancos a grandes peixes hidros ricos de tempero picante. Dentro das tendas, no chão, nos lotes em evidencia, ao balcão, as grandes peças sem aparato pitoresco: as mós sobrepostas dos queijos de Gruyère, os bolos chatos do Brie, os pequenos cilindros de Bondon, os Neufchatel, os Camembert, os Roquefort, os

Flamengos, os da Serra, os do Rabagal; as caixas das uvas passadas de Alicante; as barricas dos arenques, da julienne e da choucrente; as linguas secas; os presuntos de York; as cestas do Champagne; as bilhas de mel, e os montões das batatas, dos ovos e das ostras de Montijo.

Nas vitrinas das salsichas o chouriço de sangue enrola-se em círculos sobrepostos como as roscas da serpentina num alambique de ebanho. Entre as formas marmoreadas da cabeça de porco com geléa e os pãesinhos de manteiga fresca, ostentam-se os fiambres de empunhadura de papel com topos recortados, as galantines cercadas de verdura, e as pirâmides loursas dos chispes panados, dos pesunhos de recheio, dos *cervelas* e das linguigas.

Os restaurantes empilham em exposição as perdizes, as galinholas, os patos bravos, os pastelões de presunto e vitela, os timbales de frango misturados de champignons e de rabidos, e os ventres loirejantes e amanteigados dos perus embutidos de trufas, no meio dos gargalos de prata do Champagne e das garrafas pretas do Bourgogne lacradas de verde.

As padarias francesas exibem provisões extraordinarias de brioches e de *pain d'épices*.

As padarias inglesas instalam a grande exposição especial dos *christmas-cakes*, dos *mince-pies*, dos *plum-puddings* e de tudo mais quanto o estomago inglês precisa *for keeping a merry christmas*.

Na praça da Figueira, num movimento extraordinario de appetites em circulação, grunhem os leitões, cacarejam as galinhas e berram alvoroçados os marrecos e os galos, erguidos pelas asas e arripiados nas penas do peito pelo sôpro dos compradores. A caça pendente em bandolins ao longo das barracas, e enquanto coelhos mansos, suspensos pelas pernas, expiram fulminados com a pancada seca dada com a mão de trave sobre as orelhas, cordeiros e cabritos esfolados enxugam ao ar, abertos de cima abaixo, com um canigo em cruz metido no ventre. Na zona dos legumes, por baixo dos enormes chapéus de sol de lona branca, as hortaliças de brinco de festa nas orelhas e de lenços novos meneiam-se com ligeireza por detrás das suas bancas de pinho, oferecendo a fazenda, discutindo, barafustando, fazendo trocos, no meio do círculo fechado dos moços de compras, que regateiam com o dinheiro nos dedos e o cabaz no braço».

Mas o artigo segue a sua pena alarga-se em considerações e mal voltadas duas folhas, a propósito do *Diário de Notícias* e dos seus brindes do Natal, num antegoso, devaneador e obsecante, de novo volta a idéa:

Diz que ha toda a sorte de anuncios de brindes para o Natal: «joias, bonecos, livros, cromolitografias inglesas, flores, perfumarias, latanças, charutos da Havana, etc. Mas o que predomina é a comida. Todas as especialidades culinarias se anunciam em grandes doses: os paços de Castelo de Viç, os presuntos de Melgaço, os vinhos da Fuzeta e de Borba, as arrufadas de Coimbra, os biscoitos de Oeiras, as queijadas de Sintra, a marmelada de Odiveiras, os mexilhões de Aveiro, as frutas secas de Elvas e de Setubal, o pão de ló de Margaride, o massapão da Espanha, o caviar da Russia, a mortadela da Italia, as *pralines* e os *marrons glacés* de Paris, o salmão da Escocia, a *choucroute* da Alemanha, as enxovas da Suecia, o coração e os arenques da Holanda. Dir-se-ia que uma indigestão se prepara e que o estomago de Lisboa vai rebentar de fartura, amanhã».

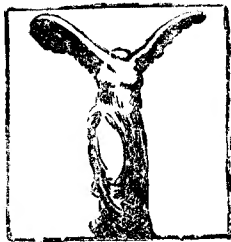
Mesmo quando Ramalho trata uma figura mundanas, politica ou literaria, é inseparavel do seu artigo uma referencia culinaria. Assim, nos periodos dedicados a monsenhor Pinto de Campos é ao queijo Roquefort; nos a Caldas Aulete a neve, que é como quem diz gelados:



«Mulher andaluza» da pintora espanhoia Ana de Tudela

(Ver continuação na 4.ª pagina)

ECOS



No regresso da sua viagem a Alemanha, Mussolini foi acolhido triunfalmente em Itália. Quando o comboio especial parou em Verona, uma das pessoas que esperavam o Duce era Gabriel d'Annunzio.

Aquele não ocultou a sua alegria por encontrar o seu antigo companheiro de luta, e gritou-lhe:

—Por aqui? Não te devias incomodar com o tempo assim!

E' que chovia a potes, e d'Annunzio, como sempre, apesar da sua calvície, estava sem chapéu. Mussolini ordenou que abrigassem o poeta e que lhe dessem uma manta para se aquecer. O autor do «Fogo», porém, recusou-se com energia, e continuou de cabeça descoberta sob a chuva. Deve ter sido nessa altura, que ele agradeceu ao chefe do governo italiano, a sua escolha para presidente da Academia Italiana, lugar deixado vago pela morte de Marconi. Gabriel d'Annunzio não quis figurar na primeira lista dos académicos. Teria até pronunciado esta frase desrespeitosa para o novo areopago intelectual:

—Um «pur-sang» não pode habitar numa estrebaria de asnos!

Mas o tempo passou, e d'Annunzio converteu-se. Tudo foi esquecido até mesmo que ele foi excomungado pela igreja católica e as suas obras postas no index, por duas vezes, a primeira em 8 de maio de 1911, e a segunda em 27 de junho de 1928.

O mais curioso é que na Academia figura Monsenhor Perozi, o celebre compositor dos coros da capela Sixtina.

E' possível que o dramaturgo de Giocconda vá á cidade eterna, onde lhe serão prestadas honras excepcionais no Capitólio.



Em Viena foi agora julgado um processo divorcio, cujas testemunhas principais foram... dois cães. O caso principiou, como quasi sempre, por uma carta anónima, dirigida a um rico industrial—o marido. Chegou-lhe a carta momentos antes de partir para uma viagem, que não deixou de realizar. Teve, porém, tempo de encarregar uma agência dum discreto inquerito, que confirmou a sua desgraça sentimental.

Quando voltou pediu o divorcio. A esposa reclamou uma importante pensão de alimentos. O marido negou-se. Quando a questão foi julgada apareceu, no Tribunal, o cúmplice da senhora, um elegante engenheiro, que declarou que as suas relações com ela tinham sido correctissimas, tanto mais que, na casa, havia dois terribes molossos, cuja reputação de ferocidade era grande.

O assunto fez hesitar os juizes. Então, o marido pediu licença para se ausentar da sala, voltando pouco depois com dois cães cujo aspecto intimidou o Tribunal. Ambos se precipitaram sobre o jovem engenheiro, não para o morderem, mas para o cobrirem de caricias.

A questão acabou logo ali. O divorcio foi decretado a favor do marido.



No dia 15 de outubro de 1837, há, portanto, um século, a «Revue des Deux Mondes» publicava a mais famosa das quatro «Nuits» de Musset a «Noite de Outubro». Pode dizer-se que foi uma das mais belas obras do romantismo, eloquente, viva, inspirada no ritmo ardente das paixões.

Musset, deu ao seu poema um belo acento humano, que ainda hoje como-ve pela sinceridade e pela vibração.

Retrato de minha mãe

E ela está aqui, na minha frente, no retrato que tirei de cima da estante para melhor a ver. Eu olho para ela, para os seus lindos olhos, mas é tal a sua quietação que se não perturba e continua a olhar em frente... E enquanto olho para ela e me sinto pouco a pouco trespassar de não sei que ternura tão cheia de amor, vou pensando, vou pensando nela e em tudo que a rodeia e me pertence...

O seu olhar... Há imagens que se fixam continuamente nos retratos. Há retratos através dos quais as imagens se sucedem e transfiguram continuamente.

O' minha mãe! Porque nasceu a manhã?... E porque veio a noite? Na manhã a luz é forte, é plena de grandes combates, e ao anoitecer o ar dilue-se em ansiedades insatisfeitas, em sonhos longínquos de coisas que se vão e eu não quero mais do que o esquecimento que me leve com os raios ultimos do sol, em vibrações concentricas, a ligar no imutável misterio a variação continua das imagens.

E ela está ali, no retrato em que sempre a conheço, um retrato em que ela vive apenas da expressão do seu rosto amavel e no vestido branco que lhe envolve o busto. E' assim que eu sempre a verei.

O suave encanto do seu rosto e a pureza que se evola do vestido branco e dos seus olhos firmes na contemplação de um infinito interior!

Será sempre assim a imagem dela, ainda que, por vezes e inconscientemente, sombras passem, a desvanecer-se; sombras que exprimem a sua passagem pelo Tempo que eu crio para ela, á semelhança do tempo que passa por nós.

E também, por nunca a ter conhecido em consciencia, á parte dois motivos que ainda agora pergunto se foram realidade, tão distantes, tão perdidos são, ou se a continuação do mesmo pensamento os tornou para mim realidade; assim, ela repetir-se-á muitas vezes, muitas vezes—as imagens a mudarem levemente mas sempre irradiando da fonte luminosa que é o seu retrato.

E as suas coisas, os livros e as cartas viverão no tempo em que viveram; porém serão sempre as mesmas mãos e os mesmos olhos, a pegarem e a lerem e a sonharem os tempos de ontem e os tempos de amanhã.

Tudo passará da sua vida. Nada o tempo destroi através das recordações, as mudanças delicadas da sua alma e do seu corpo. Tudo se juntará de novo, num conjunto indivisível á lembrança do abalo, que foi, na madrugada dos meus vinte anos, a impressão casual de eu ter olhado para o seu retrato. E de novo, eu digo, imploro: «Mãezinha! conta-me uma historia para me adormeceres... Mãezinha!»

O quarto onde nós estávamos era grande e dava para um jardim, por uma porta envidraçada. As janelas abertas de par em par, deixavam entrar uma aragem cheia de brandura que fazia tremer ligeiramente os cortinados de renda. Chovera pouco tempo antes e da relva entrava pela casa o cheiro molhado da terra e das flores.

Na pequena galeria que mediava entre a casa e o jardim, as trepadeiras abraçavam as colunas da balastrada, enquadrando—via-se tão bem de dentro—o verde prateado das oliveiras.

A luz filtrando-se através a folhagem, vinha difundir-se em meia claridade. Sem projectar sombras nem ofuscar a vista, apenas dava um brilho velho aos fios de prata que torneiam ainda hoje o buíalo de ébano, assente ao meio da mesa, sobre a toalha branca de linho. E ela estava ali; sentada a um canto do sofá, com a mão dobrada ao contorno abaulado da caixa de charão. No colo, repousava um livro aberto. No vestido branco o bordado distinguia-se difficilmente.

O outro braço, descansava ao longo das costas do sofá, com a mão desviada, a cair, suspensa apenas pelo pulso fragil.

E ela continuava a olhar para a pequena porção de céu, serenamente, a embeber-se do azul puro onde fiadas finissimas de nuvens, salpicavam estranhamente o céu. Eu viera para aqui para estudar. Donde estava, via o seu perfil suave resplandecer de magnanima brandura, sentia evolir-se dela uma quietação comparavel só áquelas figuras angelicas que eu tinha por cima do meu leito. Quando a chamei, devagarinho, não fôsse acordá-la do seu lindo sonho, ela voltou-se para mim, envolvendo-me no seu doce e meigo olhar. Aquela limpidez no olhar! Cruzou as mãos sobre o livro azul das poesias de Elisabeth Browning; os seus labios entreabriram-se. Apenas um murmúrio distante chegou aos meus ouvidos, um murmúrio distante que se ia distanciando mais e mais. Também distanciava a sua figura, quasi sem vê-la, até desaparecer. E no entanto, eu continuava a tê-la junto de mim...

Todas as sensações, todos os sentimentos se confundiam num só fluxo, que ao derramar-se em mim, me purificava, fazendo-me pensar apenas na sua essencia, levando-me para longe, fora dos tempos, fora do mundo das coisas terrenas.—ela—o meu desejo de amor, a minha Mãe que eu não conhecia, e que para sempre seria o alvo inatingível da minha saudade na Terra!

«Mãezinha!, conta-me uma historia... Mãezinha!»

RUY CURATTI

ECOS



Realiza-se, brevemente, em Paris, uma grande exposição de moedas e medalhas napoleonicas. O imperador ligava uma grande importância á propaganda pela numismática. Interessava-se pessoalmente pela cunhagem de medalhas comemorativas, fundidas em metais nobres, como o ouro, a prata, e o bronze que celebrassem as suas admiráveis vitórias, e as suas reformas sociais.

Para as festas da coroação a moeda francesa cunhou 87.450 medalhas que foram distribuidas aos príncipes, embaixadores, funcionarios, e até, indistintamente, a pessoas do povo. Nesta exposição figuram todos os retratos em metal que existem do imperador: o perfil fino espirital de Bonaparte, em 1796, a mascara já mais cheia do Consul, a estupenda cabeça de Imperador, e mesmo a mascara mortuaria do prisioneiro de Santa Helena.

Vêr-se-ão também medalhas que historiam as quarenta e nove batalhas, onde foram vencidos todos os reis da Europa, bem como os principais capitulos da grande obra napoleonica.



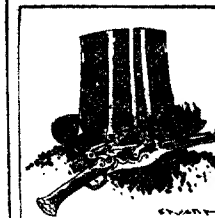
A Academia Francesa, como diz o «Figaro», tem vivido através dos séculos, como um celibatário. Nunca «sous la coupole», se sentou uma mulher, muito embora as tenha havido famosas, na literatura francesa. Não pertencerá a Colette o 41.º «fauteuil», que ali não existe?

Mas agora trata-se de outro caso. Os academicos viram-se obrigados a admitir uma empregada, que lhes tratasse do «menage». Já entrou em funções. O seu primeiro cuidado foi coser as toalhas do lavatorio, limpar as telas de aranha que se acumulavam sobre os bustos dos insignes, e colocar, no vestibulo, um espelho, para que os academicos possam, antes de entrar na sessão, rectificar o seu vestuario.



Numa exposição de quimica, que se realiza agora em Londres, figura uma novidade sensacional. Nem mais nem menos, do que ostras em confeitos. Estes são apresentados em forma de bombons que condensam, segundo o inventor, todos os principios organicos e minerais da ostra. Os confeitos são unicamente preparados com ostras verdadeiras, importadas da Nova Zelândia. Doze confeitos equivallem a meia dúzia de crustaceos.

Pelo visto, as ostras podem já comer-se sem ser nos meses que têm R.



Desapareceu há dias do museu de Leipzig, um precioso Lucas Cranach, um pequeno quadro de 35 centímetros de largo por 21 de altura representando Moisés, entre as Tabuas da lei, tendo

no segundo plano uma multidão de judeus. O roubo emocionou profundamente toda a Alemanha.

Os serviços motorizados da Policia puzeram-se em campo, todos os bombeiros foram prevenidos, e os postos de T. S. F. noticiaram, insistentemente, o caso. E não era para menos: um Cranach no valor de 300 mil escudos. O mais curioso é que o pequeno quadro foi encontrado no dia seguinte no cesto dos papeis do posto do Correio da gare de Leipzig.

NOVIDADE LITERARIA

JOAQUIM MANO

Malicia Sem Maldade

Uma nova mensagem espiritual

A' venda em todas as livrarias

Dez minutos com



o dr. Duval Pires de Lima

O sr. dr. Duval Pires de Lima pertence á falange dos eruditos da historia e de arqueologia. Sabe com brilhantismo evocar as épocas retrospectivas e animou duma intensa vida litteraria ou heroica, as estatuas jacentes dos grandes vultos. E' com grande sinceridade, que ele responde ao nosso breve inquerito, dizendo não só a maneira como trabalha, mas tambem as suas naturais condições. Pelo seu futuro litterario responde a meia duzia de obras, que correm o mundo portuguez, com o seu nome. As palavras que o dr. Jaime Cortezão lhe dedicou no primeiro livro foram um admiravel incitamento. Podem hoje considerar-se confirmadas. Eis o que ele diz:

—Como escreve?

—Prefiro o isolamento, mas não me intimida, ou perturba o ruido, porque consigo, nos momentos mais vivos de inspiração, abstrair-lo por completo. Chego a escrever paginas quasi sem retoque. Noutras occasiões, porém, são tantas as emendas e as alterações, que paragrafos inteiros desaparecem substituidos por outros. No estudo apresentado ao Congresso da Historia da Expansão Portuguesa—«Gil Vicente comentador da epopeia»—gastei apenas umas cinco horas. Tenho a consciencia que não é do pior que tenho produzido. Passava então, por um estado psiquico muito especial.

—Que livros publicou?

—Comecei aos quinze anos e sob a influencia das novelas historicas de Henrique Lopes de Mendonça. Escrevi nessa epoca um conto que tinha por figura principal S. Frei Gil. Está inedito. Com as minhas produções da juventude formei um livro: «Terra de Dôr e de Gloria», publicado em 1924 com prefacio do dr. Jaime Cortezão.

«A partir de 1930 enfrontei-me pela historia: duas monografias e um livro sobre Marrocos: «Azamor» e «História da dominação portuguesa em Çafim» e «Portugal em Africa»; um pequeno opusculo sobre a freguesia de Santa Isabel, onde minha familia vive há mais dum século; «Noticia de dois navios quinhentistas»; «Antonio da Silva de Sousa e a residência da Súcua»; «A Embaixada de Manuel Saldanha á China em 1658»; «O Rei e os privilegiados» e «A projectada compra da Biblioteca do Barão de Senkenberg» no *Arquivo Historico de Portugal*; «Noticias para a Historia da Guerra Phantástica», duas séries saídas na *Nação Portuguesa*; «Domingos Correia Botelho, pretendente», nos *Anais das Bibliotecas e Arquivos*; «Mais alguns subsidios para a Historia da Invencível Arma», no *Boletim dos Arqueologos* e a sair, na *Historia e no Boletim Cultural da Camara*, dois artigos, um, ainda sobre a *Armada* e outro sobre 1820.

—Que literatura prefere?

—A historica. Admiro imenso Lenôtre e Bainville; aliás, *si vous voulez, du roman lisez l'histoire*. Mas, por distracção, entretenho-me com um bom romance policial ou de aventuras. E' uma *historia* doutra espécie. E continuo, como aos vinte anos, fiel aos realistas.

—Que livros vai publicar?

—Tenho muita coisa planeada mas não sei quando a poderei realizar. A vida não é como a desejamos, e temos de sujeitar as ambições ás necessidades. Difficilmente poderei escrever um grande trabalho historico. Onde tenho eu tempo para isso? Mas lá vou moirreando. Tencio, quando não sei, publicar a correspondência diplomatica de D. Vicente de Sousa Coutinho, embaixador de Portugal em França desde Luiz XV até 1792, e um manuscrito interessante, da Biblioteca da Academia, acerca da Campanha do Russilhão (A *Revolução* persegue-me...), mas tenho tanta coisa a ler, tanto a rebuscar, e uma passagem por Paris impunha-se.

O romance duma viuva

por **Maria Archer**

A maquina largava os três silvos da partida. A mulher, com o braço passado ao pescoço do filho, debruçava-se na amurada da terceira classe e despedia-se do grupo que do cais a acompanhava. Era um magote triste, escuro, de senhoras mal vestidas e sujeitos de facto coçado.

Ela, a passageira, ainda luzia graças femininas. Mentava uns cinquenta anos sustidos pelo empenho de agradar. Cabelos pintados, a cara retocada, o corpo forte, de carnes abundantes, metido na moldagem da cinta, e um todo agradável de mulher sem idade. Vestia coisas de pouco valor, mas garbadas. O filho, na volta dos dez anos, muito chegado á mãe, encostava-lhe ao peito a carita inteligente, expressiva, sublinhada pelos olhos vivos. Crescia depressa, espigado, magrizona, e pallido. Trazia a cabeça lustrosa de brilhantina, o calçado polido a pano e o fato muito passado.

O paquete descolou. A mulher, sempre agarrada ao filho, acenava para terra com o lenço, até perder de vista a sua gente. Então, foram ambos para a prôa e sentaram-se num rolo de cordas, com os olhos postos no casario da cidade.

Não falavam. Um e outro reflectiam. Na expressão da mulher transparecia o temor da aventura iniciada. Que ella ali, á aventura, apenas fiada nas promessas dum homem...

Enviuvára. Ficára sem meios, a viver do pequeno monte-pio, e com o peso do filho a criar. Procurára por toda a parte trabalho, caixaieira, empregada de consultorio, dactilografa, mesmo costureira aos dias, nas casas particulares. Mas não conseguia obter trabalho assiduo, com sustento certo ou ganho inteiro dum mês. E tinha em casa o filho, comendo todos os dias, e a renda a pagar, e os alugueis dos contadores, e a despesa da luz e da agua, enfim, um rôr de gastos a consumirem o dinheiro que lhe mingua.

Alugára os dois quartos melhores, os das janelas. Ella e o filho encafiavam-se nos quartos interiores, sem ar e sem luz. Mas nem assim equilibravam as despesas. O filho crescia a olhos vistos e roupa dum ano não lhe servia no outro. O calçado gastava-se, era preciso renová-lo. E a renda da casa! E a agua! E a luz! E o comer, o comer de todos os dias!

O quarto da frente vagou, ella annunciou no jornal e appareceu-lhe novo hospede. Africanista, rude, mas bem encarado, e pessa com abastancia duns cobres. Logo nessa semana a levou ao teatro, a ella e ao filho, e dias depois ofereceu-lhe um corte de vestido. Antes de findar o mês eram amantes.

O homem foi muito franco, tomou a casa a seu cargo, e esse ano correu com fartura e sossego. A licença dele findava no verão. Mas o dinheiro, sempre a sair, esgotou-se cedo, e elle abalou de Lisboa na primavera. Despediram-se com choros, promessas, juras, talvez uma dôr sincera. E elle, no transporte do momento, dizia-lhe que se tivesse dinheiro comprava as passagens e levava-a para o Ibo...

A mulher ficou novamente só, face a face desse filho em idade de tudo compreender. O homem deixára-lhe três notas de cem escudos e a dispensa fornecida. E depois? Que fazer? O caminho andado impelia-a para a frente. Um outro... Se ella arranjasse um outro!

Anunciou o quarto vago. Mas só vieram para ajustar uns casais modestos, algumas senhoras sós, e rapazes estudantes. Pôs novo annuncio; e, como o tempo voava e a necessidade se impunha, gastou uma das notas de cem escudos com a compra dum vestido claro, um berrante vestido de verão, que ella mesma costurou, afadigada, junto á janela da cozinha. Ainda se conservava frescalhona; não mostrava pelancas, nem papada, nem outros sinais da idade. Quem sabe? Talvez tivesse sorte. Um vestido novo era um charmariz; e poder-lhe-ia apparecer um velhote de teres e haveres, destes que apreciam o conforto domestico.

Entretanto, chegou uma carta do homem.

Escrevia de bordo. Vinha derramada de saudades, de projectos, de amara. E repetia o dito da despedida: «Se tives-

se dinheiro para as passagens trazia-te comigo».

Ella prendeu-se na frase e ficou a cismar. A pouco e pouco tornava-a o alvorecer duma certeza. As passagens? Mas podia arranjar as passagens!

Pôs-se em campo, bateu á porta de amigos e conhecidos, pediu, suplicou, fez esperas sem fim nas ante-camaras dos magnates. Três semanas volvidas triunfava, obtendo duas passagens gratuitas, de colono, para ella e o filho. O dinheiro para roupas e gastos veio-lhe da venda dos moveis. Uma semana mais e ella embarcava para o Ibo, ao encontro do homem que a não chamava.

Mandar-lhe-ia um telegrama, de mais perto, por via do preço, lá para o fim da viagem. Duas palavras, apenas o bastante para o avisar, para que elle fosse a bordo busca-la.

E se elle não apparecesse? Se, nesses dias, elle variasse da tenção que lhe escrevera? E se elle morresse?

As interrogações ennovelavam-se, angustiosas, turvando-lhe a esperanza. Via desfilar as successivas manchas da cidade, e o prolongamento verdejante da linha de Cascais, com os olhos obscurecidos pela visão do futuro.

Viagem limpa de incidentes. Chamavam-lhe «a viuva». O nome ficou-lhe. Era tida e havida como mulher de boa vista, e ninguém lamentava o homem que no Ibo esperava por ella. Ouviu mesmo propostas, um fazendeiro de Angola quis levá-la para o Ambriz, para uma roça de café. O commissario de bordo facilitou-lhe quanto ella pretendia, e até a passou, sem mais despesa, para a segunda classe. A «viuva» fruía o seu exito de mulher.

O telegrama seguiu de Moçambique. Três dias depois estaria no Ibo.

Chegou.

Aproximaram-se os barcos com a gente da terra, os passageiros subiam. Ella, a mulher, com o braço passado ao pescoço do filho, junto do portão, via o desfile. Elle não vinha! A inquietação, a vergonha, o terror, cavavam nos vincos que a idade lhe abria na cara; envelhecida, curvava-se, como que mirrava e se sumia. O sol invadia agora o espaço em que ella se mantinha, mas nem lhe sentia o calor brutal; o frio, um frio medonho, vindo da alma, gelava-a da cabeça aos pés.

O criado guiava para ella um desconhecido. Que elle queriam? Falaram-lhe; mal ouviu. As palavras saiam, uma após outra, da boca do outro; algumas despertaram-na. Acabou por compreender e desabrochou num largo e profundo suspiro. Elle mandava alguém buscá-la! Não podendo vir, mandava um amigo!

Instalou-se na pensão, sossegada, que as despesas corriam por conta do homem. Esperava-o dois dias depois. Elle chegou.

A mulher mediu então a fundura do pantano em que se atolava. Elle vivia no mato, era capataz duma empresa agricola, ganhava pouco. Não podia suprir aos gastos doutra companhia que não fosse a mulata sertaneja, modesta nas exigencias. E nunca lhe dísse para vir...

—Mas tu escreveste-me, accusava a mulher, escreveste-me que me trarias se tivesses dinheiro para as passagens...

—Mas não tinha, defendia-se o homem, nem para te sustentar depois...

Cá fora soavam os berros dele e o choro dela. O homem saiu do quarto batendo com a porta. Pagou a conta da mulher e do filho e retirou a sua responsabilidade de novos gastos. Para se desculpar, contava de fio a pavio a historia. Não a mandara vir... Ella caía-lhe em cima... Elle era pobre, não podia com luxos... Não a mandara vir...

O dono da pensão disse á mulher que saísse no fim da semana.

O quê, sair? Mas para onde? Não sabia. A angustia tomava-a toda, e parecia-lhe que ia morrer, e parecia-lhe que o mundo acabava.

Veio porém a pensar que estava em Africa, a terra das pretas, e que era branca, ainda bella, ainda interessante. Encontraria forçosamente um homem que a mantivesse. Lisboa era Lisboa, mas nem por isso os homens deixavam de presentear as mulheres; quanto

mais em Africa! No Ibo, então, onde as brancas se contavam com os dedos das mãos! Os homens ganhavam bem, os empregos eram bons. Ainda podia ter sorte...

O dono da pensão acompanhou-a nos calculos e consentiu-lhe o prolongamento da estadia até ao fim do mês. Vinte dias de espera, vinte dias para resolver destino, vinte dias para ganhar a certeza do comer e do dormir! E o filho? Havia ainda que pensar no filho, com os seus olhos vivos, a expressão inquieta, percebendo tudo! Que fazer? A angustia desvairava-a. Desabafou, fez da criança confidente, o unico confidente, foram solidarios na dôr. E agora tambem elle, com a inconsciencia infantil e o egoismo do ser vivente, contava com o exito das graças da mãe!

Os dias passavam, um sobre o outro, sem novidade. Cada noite caía sobre eles como o bater das horas no oratorio do condenado. A alvorada trazia-lhes um dia mais, e esse dia significava, para elles, um dia a menos!

A mulher entouceava-se. Vestia os trajos mais garbados, penteava-se com cuidado. O filho, na horrivel cumplicidade a que ella o chamára, ajudava-a a compôr-se, lembrava-lhe, outro cinto, a gola mais fresca, uma flor no omro. A mãe saía, ora só, ora com elle, dava o seu passeio pelas cervejarias, ria, conversava, mostrava-se, e o pequeno, mal colhia um acaso, perguntava-lhe ansiado:

—Então? Arranjaste alguma coisa?

E ella trespassada:

—Não! Tudo lérias...

O Ibo, viveiro de mulatas, não se prestava aos calculos da mulher. Os europeus contentavam-se com os encantos das raparigas da terra, belezas creoulas, de custeio facil. E «a viuva», mulher branca, era maquina de moer dinheiro—criados, vestidos, boa mesa, e as despesas do filho. Sim, que havia a tomar em conta o peso do filho!

Por causa dela os homens solteiros sentiam-se em cena. Qual deles levaria para casa «a viuva»? Discutiam-na, avaliavam os prós e contra do caso. Era uma mulher sem recursos, disposta ao amor para ganhar a vida—mas nenhum deles queria ser olhado como um ganha-pão. Trabalho, emprego, não havia para ella; na Africa desse tempo não se dava trabalho ás mulheres brancas. E os dias passavam, «a viuva» vulgarizava-se, a sua situação perdia a tragica acuidade dos primeiros dias. Os animos acomodavam-se; se alguém a desejava, continha-se, no temor das responsabilidades presas ao acto; ninguém se dispunha a socorrê-la, todos se afastavam, reciosos da simpatia, temendo que a mulher importunasse de preferencia quem se inclinasse á galantaria ou á piedade. Ella não pretendia uma ligação momentanea, queria casa e pucarinho, e daí, da coabitação, seguiam-se consequencias, despesas, decerto a educação do rapaz. Consideravam o frete pesado em demasia para uma aventura despida de illusões. Preferiam-lhe as mulatas da terra, que se faziam cortejar, que se faziam disputar, e não atavam as mãos a ninguém. Eram de pegar e largar. Mas uma branca...

Entretanto, os dias fugiam, velozes, terrivelmente velozes, e o caso da «viuva» estagnava na mesma poça. Veio o fim do mês e o dono da pensão despediu-a. E como a mulher se agarrava á cama, desfeita em lagrimas, elle mandou os criados juntarem as roupas dela e porem-lhe as malas na rua.

«A viuva» alojou-se no bairro indigena, uma casucha de adobe mal calado, com dois compartimentos. Começou a vender as roupas, vestidos, camisas de seda, calçado, chapéus. Dentro em pouco deixou de vender os trapos; mas constava que recebia visitas a altas horas. A pouco e pouco passaram por lá todos os europeus da região. Ao principio contava-se o caso em segredo; mas quando andou de boca em boca, quando falaram dela como duma «perdida», desvalorizou-se. Como que lhes repugnava; ella deixava nos homens um travo a remorso; era demais juntar-lhe a repugnancia.

Deixaram de a visitar.

MARIA ARCHER

OS LIVROS DA SEMANA

Não ha muitos meses surpreendi, por acaso, uma conversa edificante. Não se me pode chamar indiscreto. Não o fui. O tom em que falavam os dois interlocutores era suficientemente vibrante para ser ouvido a cinco metros de distancia. Eu estava apenas a meio metro. Eles ocupavam uma das ombreiras da porta de uma livraria — passou-se isto á porta de uma livraria —, eu ocupava a outra. Não tenho culpa de que sejam tão estreitas as portas das nossas livrarias. Ora um dos interlocutores era industrial do livro, o outro não sei quem fosse, nem isso interessa. Importa apenas fixar o que dizia o industrial. E o industrial do livro exclamava, com veemencia:

«Não, meu amigo, hoje só uma coisa me importa neste mundo — gozar! gozar! gozar!». Este verbo era modulado em notas que iam do pianissimo ao fortissimo. Tudo indicava deveriam ser fisiologicamente sinceras. A cintilação que eu surpreendi nos olhos de quem as pronunciava (não pude deixar de me voltar para ver quem entoava tal cantico ao prazer) era canibalésca.

A que virá a anedota? Porque me não esqueci eu mais das palavras e da cintilação canibalésca daqueles olhos? Todo o verdadeiro trabalho intelectual português deve saber porquê. Ha aqui uma esmagadora eloquencia. Que um homem, nos tempos que aí vão, seja quem for, declare assim pública e clinicamente que só gozar lhe importa, já é para o olharmos bem nos olhos. Mas que esse homem seja um editor, um editor de um país em que os escritores... como direi?, precisam de se esquecer que o são para não morrerem — eis o que nos são aos ouvidos como soaria uma gargalhada numa camara ardente.

E' tragica a situação do livro português. Esqueçamos, por momentos, a tragica situação do escritor. Falo na situação daquilo que nos países civilizados se considera como que a respiração mental deles. Intelectualmente, Portugal está agonico. Mal respira. Para o verificarmos, basta que nos debruçemos á mostra de uma livraria. Oitenta por cento dos livros expostos são traduções *brasileiras* de obras de qualidade duvidosa; dez por cento traduções portuguesas de livros policiaes; outros dez por cento originaes brasileiros (fecundidade intelectual brasileira, eu te saúdo!); restam cinco por cento para originaes portugueses. Nestes escasos cinco por cento, tirante aquelas obras publicadas pelos proprios autores ou por editoriais jovens — e só aí ha literatura viva — que haverá? Reedições de duas ou três glorias nacionais que continuam a dar dinheiro, e o resto — paisagem, paisagem árida como a das estepestes.

Quere dizer: os editores portugueses, a ajuizar pelo que exclamava o tal da ombreira da porta, só pensam em gozar. Para isso basta-lhes entreterem o publico com o fundo da casa — autores mortos ha mais de cinquenta anos — ou com um que outro autor de que o publico se habituou a comprar as obras *por ter a colecção*. Nada mais. Para eles o país esgotou-se. Não ha mais escritores em Portugal. E vamos gozar enquanto ha saldo! Aquilo a que se chamou em tempos amor profissional desapareceu. A maioria dos editores portugueses já não tem amor pela sua profissão.

Sim: a maioria. Salva-se uma ou duas excepções. Um ou dois editores lá vão ainda trabalhando na realização de uma obra: coisa tão importante, tão digna e tão de considerar debaixo do ponto de vista intelectual como a obra dos proprios escritores. Sá da Costa é hoje um dos poucos livreiros portugueses para quem ser editor é mais alguma coisa do que *gozar!*

O nosso país tem facetas inconfundiveis; uma delas é esta: fazer do passado o elemento propulsor do futuro e mostrar a mais completa indiferença pelo que nele ha de eterno, de actualidade perpétua. Elucidativo o que se passou ha pouco com o centenário de Gil Vicente. Não ha em Portugal uma edição critica, acessivel e completa, de Gil Vicente. Por aí devia começar a celebração do seu centenário. Quall! Nem por aí se começou nem por aí se acabou. Isso é o que me importou. Não convem mesmo que Gil Vicente seja muito lido. De maneira geral os classicos portugueses estão tão esquecidos como os autores mais modernos. Foi preciso que apparecesse um Sá da Costa para que os nossos classicos ressuscitassem. Bem haja tal benemerito.

* * *

Não sei se o critério adoptado pelo prof. Rodrigues Lapa, director da *Colecção de Classicos Sá da Costa*, será o mais feliz. Nota-se uma certa arbitrariedade na escolha dos autores e na ordem por que são lançados. Mas, enfim, não era de exigir numa iniciativa destas um critério rigoroso, tanto mais que as obras, não sendo numerosas, cada coleccionador poderá organizar a sua colecção segundo a ordem que preferir. E' por essa razão que não me atrevo a censurar ter sido Sá de Miranda o autor escolhido para inaugurar a colecção. Pela minha parte, tenho a maior consideração pelo autor

FRANCISCO DE SA' DE MIRANDA OBRAS COMPLETAS (Volumes I e II)

Texto fixado, notas e prefacio pelo professor
M. RODRIGUES LAPA

de *Os Estrangeiros*. Apenas me parece legitimo não o considerar um dos nossos maiores poetas, uma vez que poeta deve querer dizer: *criador*. Sá de Miranda, como poeta, é o menos criador dos nossos poetas. O que não quer dizer, porém, que a sua importancia na historia da nossa literatura seja menos de ponderar que a de certos criadores. Sá de Miranda, conquanto não haja sido criador, foi, contudo, um *precursor de criadores*. Isto, claro, toda a gente o sabe. Mas não é demais repeti-lo.

Entre as varias maneiras dadas ao poeta para renovar os quadros poeticos conta-se a de chamar a si novos metros, novas medidas métricas. Eugenio de Castro ficará na historia da nossa poesia como um dos seus mais fortes renovadores graças á força de renovação métrica da sua obra. Mas a par desta maneira voluntaria e intelectual de renovar, uma outra ha espontanea e intuitiva. E' aquela, por exemplo, que caracteriza um Antonio Nobre. Se Eugenio de Castro ha-de ficar na nossa literatura como renovador dos metros poeticos, Antonio Nobre ficará como renovador da inspiração poetica. Uma coisa é renovar os metros, outra renovar aquilo como esses metros se hão-de encher. Ora Sá de Miranda, no seculo XVI, como Eugenio de Castro no XIX, foram renovadores de metros. A outros coube a gloria de ser renovadores de conteúdo. A Camões, por exemplo, no seculo XVI; a Antonio Nobre, por exemplo, no XIX, coube o XX.

Já um dia defendi o ponto de vista, arrojado talvez, de que a poesia portuguesa não precisa de sugar na poesia estrangeira o mel das renovações poeticas. O nosso génio lirico é tão vivo, tão profundo e tão sagaz, que acompanha, de longe, adivinhando, a evolução da poesia europeia. Assim os poetas portugueses considerados precusores do simbolismo entre nós talvez não tenham conhecido os paladinos dessa corrente literaria francesa quando revelaram nas suas obras tal tendencia. E' o caso de Gomes Leal. O caso de Junqueira, o qual afirmamos não conhecer o simbolismo francês quando na sua obra surgiu qualquer coisa a que se poderia dar esse nome. Quem nos diz, pois, que o papel de Sá de Miranda não teve a importancia que se lhe atribui na renovação das formulas poeticas nacionais? Não me atrevo a sustentar a tese. Aponto-a apenas. O certo é serem os poetas mais inteligentes que geniais, mais pensadores que intuitivos quem costumam compreender melhor a poetica estrangeira. Sá de Miranda mostra-se melhor entendedor de métricas que revelador de poesia.

Não posso tornar os olhos
donde os não leva a razão.

Ramalho Ortigão e a culinaria

(Continuação da 1. pagina)

a Jeronimo Colaço sobre o seu habitual jantar; — é o seu amor pelas frutas:

«A colheita das trufas fôra excelente no Périgord, onde ele encomendara uma porção, que devia chegar a Lisboa daí a dias...»

— Não para as comer, bem entendido, mas para que me dêem a cheirar uma, quando me julgarem morto. Se eu não lamberei o beijo, poderei-me enterrar...»

E' ver o carinho com que ele trata de Ernesto Chardron «amais celebrado pelos menus dos seus jantares do que pelo catalogo das suas publicações».

«Ele foi, com effeito, durante os ultimos vinte anos o homem que melhor comeu na cidade do Porto, onde a gastronomia está longe de se poder considerar á altura do seculo.

Tirem-lhe o arroz doce, tirem-lhe o arroz de forno, tirem-lhe o peixe frito do Reimão, tirem-lhe as decantadas *trips* — espécie de *dobrada* de estilo composito, que se serve dentro de uma terrina em que entra tudo quanto constitui um jantar, desde a sopa até o queijo e a pera, — e a cidade do Porto tem esgotado todo o seu repertorio culinário.

Chardron cultivava excepcionalmente a arte das boas ceias plantuosas e finas, e era unicamente á sua mesa de celibatario rico, a que ele não reunia senão sabios compatriotas e raros literatos nacionais arrancados á idolatria da tripa e da orelheira com feijão pela catequese do *Café Anglais*, que a gente podia, dentro dos muros da cidade invicta, reatar conhecimento

diz ele numa das suas cantigas. Effectivamente, Sá de Miranda só sabia mover-se pela razão. Mas um poeta, sabendo quando é a razão que lhe leva os olhos, não pode ser poeta caso esses olhos não sejam capazes de ver mais além da razão. Ora Sá de Miranda não tinha o dom de ver as coisas espectrais, como Camões, por exemplo. A Sá de Miranda faltava substancia poetica.

Mas que é substancia poetica? E', de certo modo, capacidade de converter em valores gratuitos os pesados valores da vida. Sá de Miranda era incapaz de *abandonos*. Sá de Miranda era homem de um só rosto, de uma só fé. Um ser maciço: um ser total, um ser sem ingenuidade. Um poeta não pode ser isso. Não ha verdadeira poesia sem ingenuidade. Camões, sabia-o. Camões tinha essa ingenuidade. Se a não tivesse, não teria ido á India, não teria brigado nas ruas de Lisboa, não teria tido amores desproporcionados, nem á ilusão de que a patria recompensa quem maltrata. Neste abandono e nesta reincidencia nos mesmos erros se revela o poeta, o poeta aquele homem para quem a vida é sempre uma promessa de irreallidade, um caminho para o sonho. Sá de Miranda era um homem social, aquilo a que se chamou já um cidadão. O «bem comum» merecia-lhe desvelos de que Camões, por exemplo, nunca curou. Este quando se propunha servir os homens ou a patria, fazia-o sempre de uma forma tão sem medida que a sociedade e a patria o repeliem. Eis por que se não cansou da vida; a vida é que o cansou. Sá de Miranda, pelo contrario, cansou-se dela. Teve desilusões; queria mais conforto nela, e ela não lho deu. Empregou esforços para isso. Mas a vida não se lhe apresentava devidamente temperada e aplacada para que ele nela tranquilamente pudesse viver. Daí o seu desgosto da vida na corte. Os cortesãos eram-lhe importunos. Não tinham caracter. Sá de Miranda queria viver na corte e continuar homem de caracter — o cumulo da comodidade! Por isso se recolheu á sua comenda, dádiva do Rei, de onde se entreteve a escrever a amigos, parentes e ao proprio Rei.

Rei de muitos reis, se um dia,
se lá hora só, mal me atrevo
ocupar-vos, mal faria,
e ao bem comum não teria
o respeito que ter devo;

O «bem comum» — eis a sua preocupação constante. Esta persistencia de amor pelo «bem comum» mesmo longe dele, é propria de quem não é susceptivel de sentir a inanidade de todos os bens. Sá de Miranda, cidadão, fiscal do «bem comum», deixou nas cartas ao Rei, a

amigos e parentes, o melhor da sua obra. Tudo o mais dele podia desaparecer — nas cartas ficaria o essencial. Só aí ele pode ser conceituoso á vontade, e o conceito é a trincheira dos poetas a quem falta inspiração. O jeito narrativo de Sá de Miranda também se pode al expandir livremente. Sá de Miranda tinha o sentido do narrativo e do descriptivo. Leia-se a celebre fábula dos ratos na carta *A seu irmão Mem de Sá*: sabor e frescura, coisas raras no seculo Sá de Miranda!

Um rato d'ia cidade
tomou-o a noite por fora,
(quem foge á necessidade?)
lembrou-lhe a velha amizade
doutro que i no monte mora.

C rato da cidade arrasta o do campo com etc. Entram num palacio. Mas são surpreendidos pelo despenseiro:

Ora, o despenseiro chega,
(que estes bens não duram tanto),
sente-os, mas a pressa o cega,
um tiro e dous mal emprega,
segue-os de canto a canto.

Os cães lá volta correram,
ladram, que é alto serão,
as casas estremeceram,
uns e os outros i correram,
quis Deus que os gatos não.

Sabia o de casa a manha,
sabia os passos, fugiu;
o ratinho da montanha
aos pés em pressa tamanha,
O coração lhe caiu.

Mas, espaçado o perigo
da morte que ante si vira,
o coitado assi consigo
polo seu repouso antigo,
que mal deixara, suspira:

O quadro é animado. A pintura sugestiva. No silencio da alta noite ouve-se o ladrar dos cães. Os tiros do despenseiro erram realmente o alvo. Como Sá de Miranda se sentia á vontade quando olhava para fora de si! Quando é de si que fala, embarga-se-lhe a voz. A expressão torna-se rebuscada, quasi poderíamos dizer gongorica... antes do gongorismo.

Cavarei; e o meu mal grande
em gritos direi á terra;
d'alma hei dó, que é em caminho
claro para se perder.
Que já acabassem os cuidados
quando se acabasse a vida!

Mas é ainda nesta maneira *contornada* que podemos encontrar as fontes da propria poesia de Sá de Miranda. A poesia não lhe nascia na alma, mas no papel. Nêle se cristalizava, á medida que ia surgindo. Para Ortega y Gasset a poesia é eufemismo. Dizer em formas *alusivas* o que em formas directas se poderia dizer — eis, para ele, poesia. Sim: poesia formalista. E' por isso que á expressão literaria de Sá de Miranda se pode chamar poesia.

Veados correm c'o vento
em contenda, e os liões
têm força e atrevimento,
têm seus bravos corações,
nós temos entendimento.
Por onde antre nós devemos
estimar aqueles sós
que, naquilo em que vencemos,
nos vencem eles a nós.

Eis aqui a verdadeira maneira poetica de Sá de Miranda. Não ha beleza nestes versos? Ha. Mas beleza puramente formal. Sá de Miranda, universalista por cultura, é um poeta local pela expressão. Nos seus poemas está expresso um dos lados mais fortes e mais limitados do nosso génio literário.

A competencia do director desta notavel biblioteca de autores classicos é por demais conhecida. Eis por que não podemos deixar de lamentar que o prof. Rodrigues Lapa nos não tenha dado, num prefacio mais extenso, e propriamente critico, aquilo que esperavamos da sua competencia. E como se trata de uma edição de classicos feita com escrúpulos graphicos e sérios metodos scientificos não podemos deixar de lamentar também que se não tenha cuidado devidamente da uniformização orthografica do texto. A acentuação é quasi caótica. Em *Os estrangeiros*, uma pessoa da comedia que figura de principio com o nome de *Sarjanta*, é na peça *Sargenta*. Claro que a isto chamo eu Claro que a isto chamo eu descuidos de revisão. Temo, porém, que o prof. Rodrigues Lapa lhes chame *descuidos de forma*. Nada haveria, pois, a perder se se evitassem estas coisas em edições futuras.

ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO

JOÃO GASPAR SIMÕES